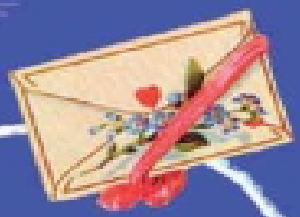
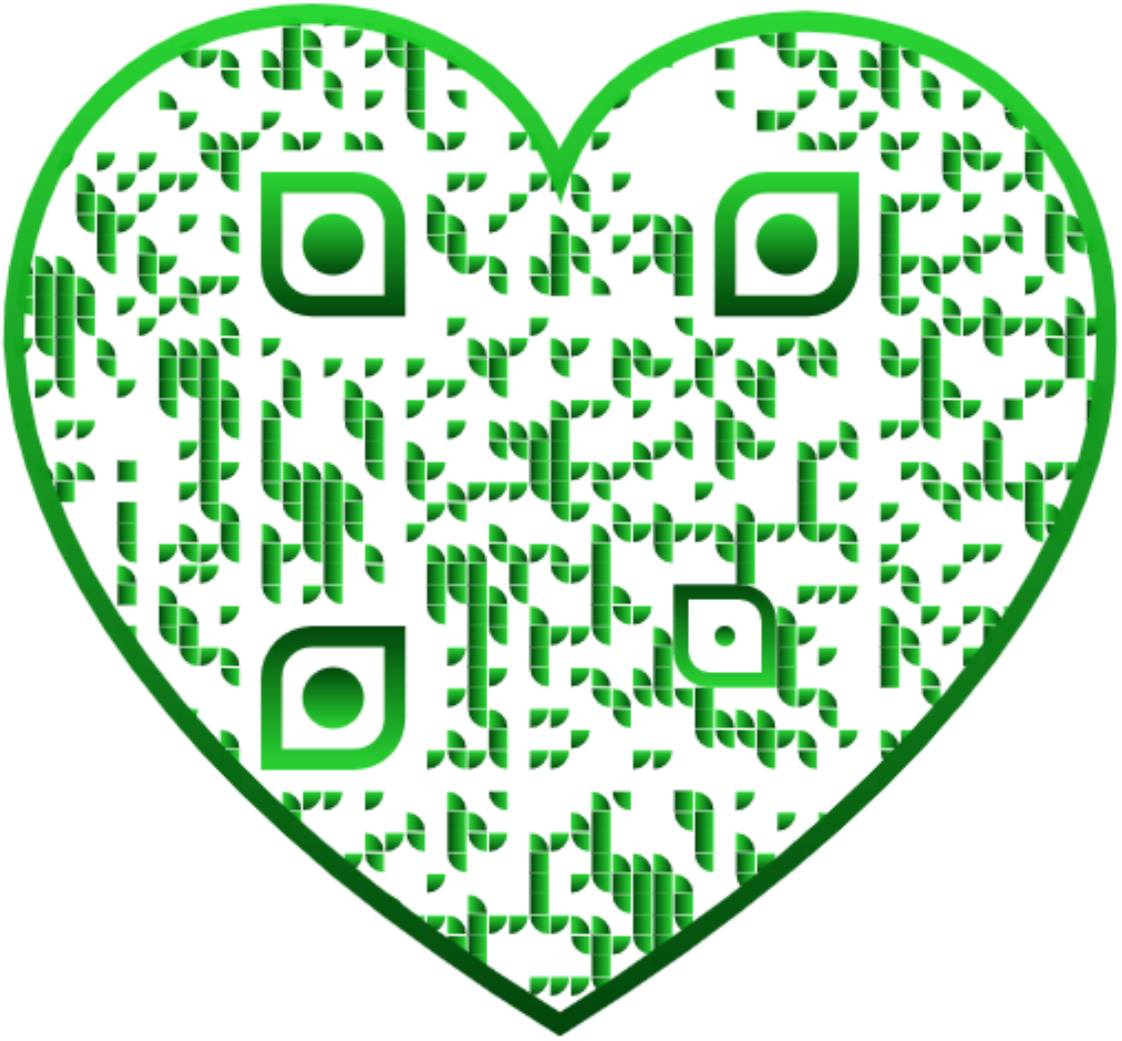
SOCORRO ACIOLI



A BAILARINA FANTASMA

SÉRIE ANABELA EM QUATRO ATOS

BEOVINTE



Socorro Acioli

A bailarina fantasma

Seguinte

Plantei, no meu coração, um miosótis de cinco pétalas:

Augusta Dias Branco Viguier
Beatriz Acioli Martins
Fátima Souza
Izabel Gurgel
Eny Maia

É para elas este livro.

1º ATO

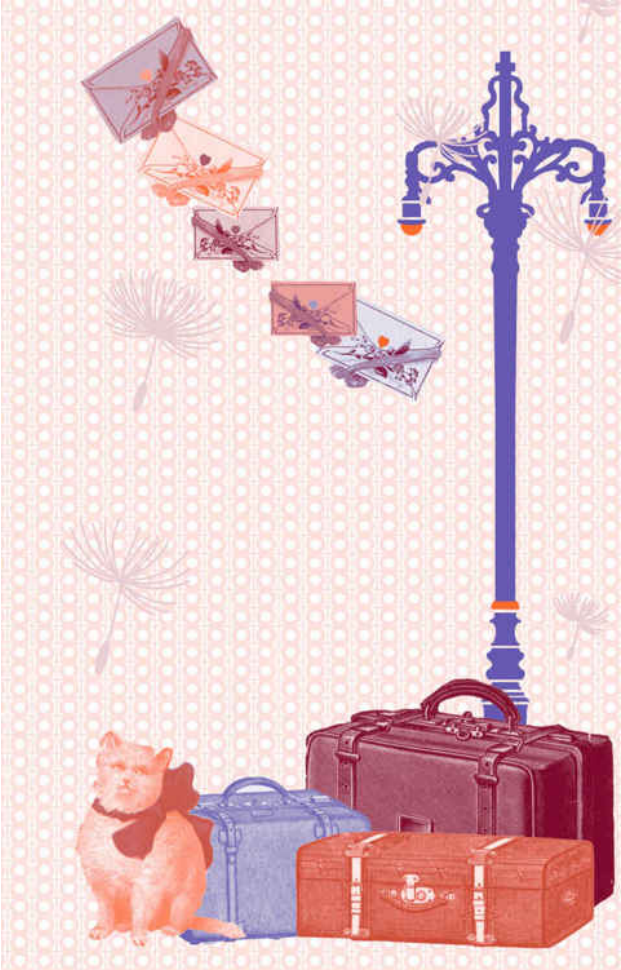
1. Travessa do Anjo
2. Três notícias
3. Alegria
4. Balé branco
5. A prova
6. Passo de gato
7. O diário

2º ATO

1. O vapor que cruzou o mar
2. Noite de luz
3. Elisabeth e Carlotta
4. Dança de anjo
5. *O quebra-nozes*
6. O letreiro
7. Remédio amargo
8. O palco
9. O porão

3º ATO

1. O motivo
2. O piano
3. A carta, enfim
4. Clara luz
5. Das coisas infinitas



1
ATO

1. Travessa do Anjo

Anabela e o pai, Marcelo, tinham orgulho de dizer que moravam na casa mais antiga da cidade: a Travessa do Anjo, uma ilha feita de passado no meio de um mar de vidro e metal.

Tudo naquele lugar era exatamente igual ao que sempre fora. Os anos e a vida de todos os familiares que moraram ali permaneciam gravados nos cheiros, nas cores e nos detalhes de cada canto. Uma foto na parede, uma figura colada na porta de um armário, a xícara pintada à mão com o nome da tia querida… tudo permanecia na casinha azul com telhado vermelho e fachada estreita onde cabiam somente uma porta, uma janela e, lá dentro, todos os sonhos do mundo.

O portão da entrada era de ferro e o muro, bem baixo. Entre o muro e a porta havia um jardim com flores que brotavam o ano todo, especialmente os pequenos e delicados miosótis, jovens descendentes de mudas plantadas havia muito tempo. Junto das flores, um banco com dois lugares, um convite para sentar e conversar.

Apesar de estreita, a Travessa do Anjo era comprida. Logo na entrada ficava o escritório de Marcelo. A seguir, duas pequenas salas com

fotografias antigas nas paredes, estantes de livros, sofás e cadeiras para as visitas. Do lado direito, um corredor. À esquerda, o quarto de Anabela e, logo depois, o do pai. A cozinha, clara e espaçosa, tinha vista para o pomar, onde Anabela colhia laranjas, limões e maracujás, suas frutas preferidas. As laranjas eram muito doces e inacreditavelmente suculentas. Era de lá que soprava o vento adocicado que fazia daquela casa a mais ventilada da cidade.

O nome, Travessa do Anjo, fora inspirado em um painel de azulejos colocado sobre a porta, bem pertinho do telhado, com a pintura de um anjo ajudando duas crianças a atravessar uma ponte. Os azulejos eram de Portugal e vieram com dona Maria de Lourdes, bisavó de Marcelo, quando ela se mudara para lá.

Definitivamente, a vida daquela família era muito distinta da do mundo ao redor, e isso incomodava. Quase todo dia aparecia algum curioso por ali. Tinha gente que atravessava a cidade para ver a Travessa do Anjo de perto, todos tão admirados, parados na frente da casa de Anabela como se estivessem vendo uma legítima caravela portuguesa dos tempos do Descobrimento:

— Como eles vivem sem ar-condicionado?

— Sem antenas?

— E sem micro-ondas?

— Isso é praticamente uma caverna — diziam umas senhoras muito arrumadas, de cabelo pintado e bolsa dourada, que passavam o tempo prestando atenção na vida dos outros.

Falavam, falavam, e o vento levava para longe tantas palavras vazias, desnecessárias. Anabela e Marcelo não ligavam. Estavam ocupados com outras coisas… Foi naquela casa que Anabela nasceu, aprendeu a andar, a falar, e cresceu até se tornar tão linda, de rosto pintado de sardas e olhos tão verdes como as luzes do Natal dos seus catorze anos, quando a vida começou a mudar tanto para aquela família.

Sua mãe havia morrido quando Anabela tinha sete anos. Por causa disso ela até poderia pensar que era a menina mais azarada do mundo, sozinha, sem mãe. Mas não — ela preferia enxergar sua realidade com outros olhos e virar a vida ao contrário. Então se achava a garota mais sortuda do mundo, isso sim, por ter um pai tão incrível. A lembrança da mãe não era sofrimento. Só dúvidas, esperança e saudade.

Quando Anabela falava sobre a mãe ou fazia perguntas sobre a morte para Marcelo ou outro parente, o que sempre ouvia era que Melinda partira para um lugar melhor. Anabela imaginava, desde pequena, que aquele tão falado Lugar Melhor seria um mundo parecido com o nosso, como um espelho, uma cópia, para onde iria tudo o que morresse aqui: animais, plantas, flores, pessoas… até as formigas, que podiam se afogar ao cair num copo de suco qualquer. Tudo o que morria — talvez até a mãe de Anabela —, chegando lá, em certo lugar, voltava a viver. De um jeito diferente do nosso, mas viveria.

Seus momentos mais felizes eram os que passava no quintal da Travessa do Anjo, seu lugar preferido para ficar quando estava triste ou feliz, ou quando queria parar um pouco, pensar e observar os pequenos e grandes mistérios da vida. Anabela parecia ver e até tocar os segredos das coisas.

Sempre que via uma flor começando a murchar, ou uma borboleta com uma asa machucada, ou uma formiguinha carregada pelas águas da chuva, explicava-lhes baixinho que todos os seres vivos um dia iam para outro lugar, talvez um lugar lindo, muito melhor do que aquela vida. E por que não? No fundo, as pequenas mortes da natureza eram para Anabela uma esperança de fazer contato com a mãe, especialmente quando ela via um miosótis — a flor preferida de Melinda — com as pétalas começando a amarelar, dando sinal de que era hora de partir.

Anabela amarrava delicados bilhetinhos, feitos de papel recortado e letrinha miúda, nos miosótis que morriam no quintal. Enterrava os bilhetes e as flores com cuidado. Eram recados curtinhos, segredos, notícias, contando que estava bem na escola, que melhorara da gripe, ou, às vezes, breves confissões de saudade. Saudade era quase uma alegria para ela, um jeito de eternizar as coisas. Com sua pá de jardineira, arrumava os bilhetes e as flores, cobria-os de terra e rezava. Ela acreditava que aconteceria algo mágico: a flor viajaria, de alguma forma, para o Lugar Melhor. E voltaria a viver, levando o bilhete para as mãos de Melinda.

Os pedacinhos de papel em branco ela guardava em uma caixa de madeira forrada de tecido — forrar caixas era um dos passatempos preferidos de Melinda, e Anabela adorava guardar dentro delas os objetos mais especiais.

Quando soube que o avô de Luciana, sua melhor amiga, havia morrido, aproveitou a ocasião e escreveu uma carta de duas páginas para a mãe e deu um jeitinho de colocar o envelope para ser enterrado com ele.

Anabela pensava que a morte era uma cortina pesada e escura, como um veludo vermelho, que só poderia ser aberta para quem fosse passar daqui para lá. Mas houve um dia que mudou sua vida, quando ela compreendeu de forma definitiva que essa cortina podia ser leve e clara como seda azul e que, com um sopro do vento, podia se abrir para dar passagem a alguém vindo de lá… para cá.

O motivo dessa volta nunca se sabe, até que esse alguém diga. A razão pode ser simples. Ou terrivelmente assustadora.

Até aquele dia ela não sabia de nada disso. Anabela realmente acreditava que os mortos não voltavam. De repente entendeu que isso tinha sido um tremendo engano…

2. Três notícias

Naquele sábado, a vida de Anabela mudaria para sempre, mas ela ainda não sabia disso. O dia começou como todos os outros, com cheiro de pão quente no forno, suco de laranja na jarra, mesa posta, Anabela entrando na cozinha com cara de sono e Marcelo sorrindo um bom-dia feliz, com boas notícias para contar.

Quando o pão já estava no prato, a faca na manteiga, o suco de laranja nos copos e o chá de Anabela fumegando dentro da xícara, chegou a hora. Marcelo, contentíssimo, anunciou:

— Tenho três notícias: uma muito boa, outra ótima e outra fantástica… Qual você quer saber primeiro?

Na véspera ele havia ido a uma reunião de trabalho importante, mas chegara tão tarde que Anabela já estava dormindo e não dera para contar o resultado.

— Quero todas! E quero um pedaço do pão também.

— A notícia muito boa é que eu consegui o emprego no teatro. Não é maravilhoso? A ótima é que você vai comigo pra lá todas as tardes. Não é

incrível? E a fantástica é que hoje vamos a um balé no teatro! É ou não é uma notícia boa?

Anabela ficou confusa com tantos adjetivos e exclamações, mas seu pai era assim mesmo quando estava feliz. Naquele dia ele estava especialmente contente, por ter conseguido o emprego dos seus sonhos.

Marcelo era um cara muito legal. Absolutamente apaixonado por sua profissão, a arquitetura, e um dos maiores especialistas em construções dos séculos XIX e XX. A boa notícia daquele dia era que ele finalmente tinha sido contratado como um dos responsáveis pela reforma do Theatro José de Alencar, o mais antigo de Fortaleza — começara a ser construído em 1908.

Fizeram um concurso entre arquitetos para verificar quem conhecia mais sobre os detalhes do teatro. Marcelo foi aprovado em primeiro lugar e agora seu trabalho era garantir que a reforma mantivesse tudo igual ao que era quando o teatro foi inaugurado, em 1910.

Anabela já imaginava que ele passaria no concurso. Não era possível que alguém entendesse mais da arquitetura daquele lugar que seu pai. Mas, quanto às tardes no teatro e ao balé à noite, era tudo novidade.

Depois Marcelo explicou com calma: para marcar o início da reforma, haveria uma apresentação de *Giselle*, um lindo espetáculo conhecido no mundo todo.

Os funcionários envolvidos na obra estariam presentes e Marcelo queria muito que ela fosse.

— Está bem, mas preciso pedir um vestido emprestado pra Luciana.

— Se quiser levar a Luciana, tenho outro convite.

Anabela tinha outros planos para aquela noite, um encontro com as amigas, mas ia cancelar tudo. Queria comemorar a vitória do pai. Marcelo estava sem trabalho antes disso. As empresas queriam arquitetos que entendessem de metais, vidros azuis e prédios com muitos andares. Diziam que ele estava preso no passado. E estava mesmo. Marcelo não usava nada moderno. Dispensava eletrodomésticos, máquinas ou qualquer objeto que fizesse o mesmo que ele poderia fazer sozinho.

Ele era daquelas pessoas que acreditam no trabalho das mãos. Isso fazia com que algumas coisas na casa fossem meio tortas, é verdade, mas ele era assim. Diziam que era louco, estranho, excêntrico, por viver com a cabeça em um tempo que não voltaria mais.

— Cada um tem seu tempo — ele respondia, calma e pacientemente, como era a vida naqueles anos que conhecia tão bem. Agora as coisas começavam a fazer sentido. Talvez parassem de tentar mudar o calendário do coração de Marcelo.

Anabela saiu correndo, foi ligar para Luciana e combinar os preparativos para o balé à noite… Voltou da porta e fez uma coisa que esquecera:

— Parabéns, paizinho!

Foi o abraço de pão com manteiga mais feliz da vida deles!

3. Alegria

Entre maquiagens, perfumes e grampinhos no cabelo, o dia passou rápido para Anabela e Luciana. Chegou a hora de ir ao balé.

Marcelo vestiu um paletó emprestado e estava elegantíssimo. Eles não falaram, mas perceberam em silêncio que as pessoas sempre ficam mais bonitas quando estão felizes. Anabela estava linda, de vestido longo e um sapatinho de salto que doía no pé, mas sofrer para ficar formosa valia a pena.

Quando chegaram ao Theatro José de Alencar, ficaram quase dez minutos imóveis na praça do outro lado da rua porque Anabela não conseguia parar de contemplar aquele lugar inacreditável. Claro que ela já o conhecia, mas felizmente nunca deixava de admirar a beleza, mesmo que a visse mais de uma vez.

Anabela observava as pessoas passando na rua de um lado para o outro, olhando o relógio, desatentas. Cruzavam as portas do teatro completamente distraídas, como se ali fosse um lugar qualquer. Os convidados que chegavam para o balé entravam ajeitando o cabelo ou conversando sobre a rotina do dia. Sem nenhuma admiração, nenhuma

descoberta, nenhum espanto. E os três ali em frente nem conseguiam falar. Estavam completamente hipnotizados, com o corpo no presente e olhando para o passado que permanecia ali, mas só para quem conseguia enxergar. Tão comum para aquelas pessoas, tão incrível aos olhos deles…

— Parece um bolo de suspiro com cobertura de creme! — disse Luciana, comendo o teatro com os olhos.

O primeiro prédio era uma casa de dois andares, com sete portas no térreo e sete janelas no primeiro andar. No ponto mais alto e bem no centro, o rosto de um senhor sorridente dava as boas-vindas aos visitantes. Abaixo dele, um lindo casal de anjos estava ocupado em um beijo sem fim. Um pouco acima do rosto simpático, duas senhoras sérias e elegantes prestavam atenção a tudo, olhando para os lados, em pé, nas duas pontas mais altas do prédio. Elas não eram brancas como suspiro: eram damas de ferro. Aos olhos de Anabela, as esculturas tinham vida.

Atrás delas, Anabela reparou nos dois leões alados com cara de poucos amigos. Não eram nada simpáticos. No caso de uma necessidade, certamente lutariam contra qualquer coisa para defender o senhor sorridente, os anjos apaixonados e as senhoras elegantes que cuidavam do Theatro José de Alencar.

Desde pequena Anabela tinha uma certeza: as estátuas saíam do lugar depois da meia-noite. Andavam, falavam, conversavam. Eram vivas, sim. Só se faziam de imóveis para ficar sabendo das coisas.

“Nunca se deve contar um segredo perto de uma estátua.” Essa era uma das certezas de Anabela, anotada em seu caderno secreto de certezas absolutas.

As sete portas, as sete janelas e os sete guardiões deixaram a menina tão encantada que ela ficaria ali a noite inteira se não fosse o discreto puxão que Luciana lhe deu no braço, lembrando que era hora de entrar.

Os três passaram pela porta do canto direito e atravessaram o prédio de creme com suspiros, que tinha no teto uma pintura linda, mas muito descascada. Marcelo parou com as meninas sob ela e pediu que as duas fechassem os olhos. Seguiram uns dez passos adiante, executando a difícil tarefa de andar de salto alto e de olhos fechados, até que ele cochichou:

— Podem abrir!

Ali estava o coração do Theatro José de Alencar: a sala de espetáculos. Uma impressionante estrutura de ferro esverdeado, tão linda, tão rica em detalhes que elas poderiam passar o resto da vida ali.

O pai contou que a estrutura de ferro viera toda da Escócia, de navio.

— Que lindo deve ter sido! Este teatro inteiro flutuando em cima de um navio enorme, da Europa para o Brasil. Fantástico!

Marcelo teve vontade de explicar que as peças vieram desmontadas, mas deixou a filha imaginar do jeito dela, pelo tempo que quisesse. Era bonita a ideia de um teatro atravessando o oceano.

A sensação de Anabela era de que cada detalhe guardava um grande segredo. Aqueles rostinhos nas colunas de ferro olhavam para ela querendo dizer alguma coisa. Sim, eles poderiam falar a qualquer momento. Os vitrais coloridos lembravam o brilho e os tons das bolas de Natal da sua mãe. O nome do teatro era escrito com “th”, exatamente como na época da construção. Tudo absolutamente espantoso de tão lindo!

No pátio, Marcelo mostrou que bem no meio havia um poste de iluminação que ainda conservava os canos do tempo em que toda a luz do teatro era a gás. Junto desse poste havia uma estranha reunião, com mais de onze gatos, olhando para cima, para alguém. Mas não havia ninguém.

— Gato é bicho estranho — disse Luciana, que morria de medo deles.

Tocou a primeira campainha. O balé já ia começar.

4. Balé branco

Marcelo, Anabela e Luciana tomaram seus assentos, que estavam reservados, no lado direito da primeira fileira da plateia. Ao terceiro toque da campainha, a luz diminuiu e começou o espetáculo.

Giselle era um balé lindo, romântico e trágico. Então elas estavam adorando. Pelo libreto era possível seguir a história e sofrer com Giselle e seu amor perdido. Anabela e Luciana estavam comovidíssimas.

Houve um pequeno intervalo e logo começou a segunda parte, chamada Ato Branco por causa do aparecimento e da dança das willis, que vestiam tutus (aquelas saias transparentes) brancos e longos.

As willis surgiram de baixo para cima do palco, naquela parte da frente que Marcelo já havia explicado que se chamava *fosso da orquestra*, uma área móvel onde ficavam os músicos. Subiram muito lentamente, como se viessem mesmo de algum lugar debaixo da terra.

Como Anabela estava na frente, conseguiu ver bem a subida das espectrais willis. Arrepiante! As bailarinas conseguiam dançar com tanta leveza que pareciam flutuar. Havia um pouco de fumaça no palco. As luzes, a música, a bruma de gelo-seco… era mágico. Em meio a tudo isso,

o olhar de Anabela foi atraído por uma bailarina com tutu azul que se destacava das demais, todas de branco, das sapatilhas aos arranjos de cabelo.

Ela era diferente. Dançava melhor, com mais leveza. Tanta leveza que… voava. Dançou por um tempo a mesma coreografia que as willis dançavam, mas então foi até a extremidade do palco e levantou os pés em meia ponta; depois, em ponta completa, deu um pulinho e alçou voo até o grande lustre do teatro, uma meia-lua azul enfeitada de pontos de luz.

Assustada, Anabela se virou para o pai, para Luciana e para os demais espectadores, porém todos continuavam de olhos fixos no palco à frente. Na plateia, ninguém parecia notar a bailarina que voava. Todos seguiam concentrados na dança das willis.

Menos Anabela.

A bailarina azul continuava dançando. Voltou ao palco e acompanhou a dança das willis novamente. E mais uma vez dançou sozinha, até que espreitou a plateia e percebeu o olhar fixo e assustado de Anabela, acompanhando seus movimentos. A bailarina olhou para ela e virou para trás, como se quisesse ter certeza de que aquela menina estava de fato concentrada em sua coreografia. Da mesma forma, Anabela olhou para trás e, quando virou de volta, a bailarina estava bem na sua frente, assustadoramente branca, quase transparente, encarando a menina e perguntando desesperada, repetidas vezes, com seu hálito gelado:

— Você me vê? Você me vê?

Não precisou de resposta. Pela cara de nervosismo, descobriu que Anabela podia, sim, ver sua transparente presença e escutar sua voz. A

menina sentia um frio percorrer o corpo, quase um jato gelado que aumentava à medida que a bailarina chegava mais perto e mais perto, quase mergulhando em seus olhos, como se quisesse atravessá-los. Anabela não conseguia falar, não conseguia se mover.

Ela queria ter voz para lhe perguntar por que estava fazendo aquilo, mas seu lado racional falou mais alto. Devia fazer parte de algum tipo de modernização do balé. Um efeito de luz, era isso. Ou poderia ser que uma das willis fosse até a plateia brincar com o público… Espetáculo moderno é assim; os artistas fazem com que o público se sinta parte do show, e as pessoas nem reparavam porque já estavam acostumadas. Ela, como estava vendo o balé pela primeira vez, ainda achava tudo novidade.

Anabela esforçava-se para acreditar nessas possibilidades enquanto seu pensamento girava a mil por hora e a bailarina de azul continuava ali. Durou poucos segundos, que pareceram horas. E quanto mais perto ela chegava, mais o ar gelado que aquela moça emanava fazia Anabela acreditar que aquilo não tinha nada de balé moderno. A bailarina perguntava coisas que Anabela não conseguia entender, porque sua voz era quase um suspiro, um eco abafado, um sopro. A música estava mais forte e Anabela tentou fechar os olhos para sair daquele sonho maluco. Quando os abriu novamente, a bailarina azul chegou o mais perto que pôde. Olhou para Anabela fixamente e disse:

— Volte!

— Pra onde? — Anabela perguntou.

— Shhh! — as pessoas reclamaram, pedindo silêncio.

Anabela falara alto. Seu pai, demonstrando aborrecimento, colocou o indicador na boca para que fizesse silêncio. A bailarina retornou ao palco e acompanhou as willis, que desciam de volta para o lugar de onde tinham saído. E, com o olhar fixo em Anabela, foi sumindo. Não voltou mais e tudo continuou normalmente até o final do espetáculo.

Quando as luzes se acenderam, as bailarinas retornaram para receber os aplausos do público, mas a moça de azul não estava entre elas.

O corpo de baile logo se retirou do palco e a secretária da Cultura anunciou oficialmente o início da reforma do Theatro José de Alencar.

Todos os profissionais que trabalhariam ali nos próximos seis meses foram convidados a subir ao palco. Marcelo foi o último e fez o melhor discurso. Disse o quanto tudo aquilo significava para ele e revelou, emocionado, que a fonte de sua inspiração era a filha, Anabela. Era por ela, pelos filhos e netos dela que ele lutava para preservar o passado.

A menina foi chamada a subir ao palco para as fotos oficiais da noite. Tudo terminou em festa, comemoração, alegria.

E nem sinal da bailarina azul.

5. A prova

Anabela saiu do teatro completamente atordoada. As palavras, as poucas e frias palavras daquela moça azulada passavam por sua cabeça como uma brisa gelada, soprada pela noite e pelo medo — um medo ancestral, um medo maior do que todos os medos. Os gatos continuavam em volta do poste de iluminação no meio do pátio olhando para algo ou alguém que definitivamente não estava ali. Um deles, o menorzinho, tinha um olho só e seguiu Anabela até a porta do teatro.

Marcelo estava tão feliz que nem mencionou o falatório de Anabela no meio do balé. Achava que ela estivera falando com Luciana e passara do ponto no tom de voz. Luciana sabia que não houvera papo nenhum com ela e por isso continuava achando tudo bem estranho, mas resolveu só tocar no assunto no dia seguinte pela manhã.

— Você pirou de vez, Bela? Começou a falar de repente, bem alto, no meio do balé. O que foi aquilo?

A menina criou coragem e contou tudo sobre a bailarina azul, as perguntas, os modos dela, os passos, tudo. E estava aliviada por falar com

alguém, depois de passar a noite sonhando com aquela moça diáfana e gelada. Luciana ouviu até o fim. Incrédula, mas ouviu.

— Eu estava lá e não vi nenhuma bailarina azul. Pode ser problema de vista, ou você estava muito emocionada pelo seu pai, sei lá… Já sei, era fome! Você tem essa mania de não querer engordar, fica sem comer e acaba vendo coisas. Eu com fome vejo até o conde Drácula verde. Agora esquece essa história e vamos fazer alguma coisa mais interessante. Eu, hein?! Que papo estranho…

Anabela concordou. Era domingo, dia de cinema, e o tempo passou rápido com tanta diversão. As duas saíram, encontraram outros amigos, conversaram e riram muito. Tudo certo, tudo como sempre fora. Anabela já estava esquecendo a noite do balé e voltando a colocar os pés no chão. Melhor esquecer. Não havia nada a fazer com as lembranças absurdas daquela noite.

Luciana decidiu dormir na casa da amiga novamente para irem juntas ao colégio no dia seguinte. Quando chegaram em casa, havia um senhor esperando por elas. Era um dos fotógrafos da noite anterior, que trazia um envelope com fotos da solenidade.

Enquanto Anabela abria a porta de casa, Luciana apanhou o envelope e perguntou curiosíssima se podia abrir.

— Claro! — disse Anabela, entrando em casa sem notar que Luciana ficara lá fora, sentada no banquinho, com uma das fotos na mão, completamente pálida. No canto direito, ao lado de Anabela, aparecia uma leve e translúcida bailarina azul, uma inacreditável bailarina azul flutuando no ar.

6. Passo de gato

LUCIANA ::

Não é que eu tenha duvidado da Anabela ou achado que era mentira. Até porque ela não sabe mentir. Nem quando precisa. É que eu não conseguia entender como duas pessoas que estão no mesmo lugar, olhando na mesma direção, podem enxergar coisas completamente diferentes.

Só percebi que aquilo tudo era o começo de um problema quando vi a foto. A tal bailarina que ninguém enxergara estava lá mesmo, no palco, ao lado da minha amiga.

Ela era linda. Estava de azul, como Anabela descreveu. Cabelo solto, olhar triste e feliz ao mesmo tempo. Como? Não sei. Parecia feliz por estar com Anabela. Mas também tinha tristeza no olhar.

Já vi um programa de televisão sobre isso. Os fantasmas gostam de aparecer em fotos. Ou gostam ou não conseguem se esconder nos filmes, sei lá… Mas nesse caso era uma confirmação de tudo o que Anabela tinha contado. Entendi que minha amiga precisava de ajuda. Do resto eu não sabia de nada, mas ia ajudar a descobrir.

Talvez eu só tenha, até agora, umas vinte ou vinte e duas certezas na vida, mas uma delas é que quero ser jornalista. Mais que isso, quero ser a

Lois Lane, namorada do Clark Kent. Quero ser daquele jeito, completamente repórter. Da cabeça aos pés. Por isso decidi investigar o caso da bailarina. Investigar não, apurar. É assim que os jornalistas falam. Era hora de começar minha vida profissional.

Meu primeiro passo foi pesquisar sobre Giselle*, o balé, para descartar qualquer dúvida. Giselle era uma camponesa que vivia na França e caiu de amores por um lenhador chamado Loys. Tudo muito romântico, não fosse o fato de o rapaz não ser exatamente quem dizia. Na verdade, ele era o duque Albrecht, nobre, rico e de casamento marcado com a duquesa Bathilde.*

Mentira tem perna curta e quem descobriu a farsa foi Hilarion, um amigo de infância apaixonado por Giselle, desesperado para tirar o adversário do caminho. Não deu outra: Hilarion aproveitou a chance e contou tudo para ela.

Giselle ficou completamente estremecida quando soube da verdade e acabou morrendo.

Hilarion costumava visitar o túmulo da amada. O que ele não sabia era que perto da sepultura de Giselle estavam as willis, um verdadeiro exército de almas brancas de moças que haviam morrido antes de se casar. Myrtha, rainha das willis, forçava todos os rapazes que encontrava a dançar até a morte, como vingança pelos noivos que não se casaram com elas. Hilarion não escapou. Morreu dançando. Albrecht, que também visitava o túmulo da amada, sempre levando lírios brancos, quase teve o mesmo destino. Mas o espírito de Giselle conseguiu salvar o duque.

Viram alguma bailarina azul na história? Nem eu. A princípio essa senhorita não tem nada a ver com o enredo do balé, mas vamos guardar a informação na gaveta.

Pensei, pensei, pensei e decidi: eu precisava voltar ao teatro. Poderia pedir autorização ao Marcelo e contar a verdade, mas ainda não era hora de conversar com o pai de Anabela sobre isso. Não mesmo. Ela teria de passar as tardes lá no teatro, para não ficar sozinha em casa. Eu precisava dar um jeito de ir também.

Pensei, pensei, pensei outra vez. Elaborei um plano e deu certo. Foi fácil. Pedi ao Marcelo para ficar com Anabela, já que eu precisava pesquisar o teatro para um trabalho da escola. Eu sei, menti. Não sou a Anabela, minto até bem. Mas sempre por boas causas.

Às duas da tarde eu estava no teatro com um gravador emprestado. Ainda não sabia o que ia gravar. Pensei em deixá-lo com Anabela, para o caso de a bailarina azul voltar. Ela poderia gravar o que a moça dissesse. A grande ideia só surgiu quando vi que todos os funcionários do teatro estavam lá naquele dia, arrumando as coisas que seriam arquivadas para a reforma começar.

Fui com a cara de um senhor de cabelo branco que reclamava até do vento. O nome dele era Mauro, o técnico de som do teatro. Estava lá havia tanto tempo que eu desconfiei que tinha vindo da Escócia com a estrutura de ferro, atravessando o oceano.

Sei lá como comecei a conversa. Devo ter talento mesmo. Liguei o gravador, fui indo, fui indo e perguntei se ele via fantasmas. Ele disse que não. Mudamos de assunto e, no meio de outra história, perguntei se ele já

tinha visto algum fantasma no teatro. Ele disse, mais uma vez, que não. Talvez fosse o excesso de café, mas não desisti. Na quinta pergunta, quando falei especificamente em "bai-la-ri-na", ele arregalou os olhos. Empalideceu, passou a mão na testa, respirou fundo, como quem diz "você venceu", e começou a falar:

MAURO ::

Nunca contei isso pra ninguém porque todo mundo acha que conversa de visagem é mentira de quem conta, mas juro que vi. Queria não ter visto, minha filha, porque nunca esqueço. Eu lembro todo dia quando chego aqui.

Aconteceu numa vez em que trabalhei no teatro até umas onze horas da noite fazendo um teste de som especial. Era uma companhia que vinha de fora, o diretor falava estrangeiro e eu tinha que adivinhar o que o homem queria. Era um negócio complicado, a língua do homem dava até nó e eu não entendia nada.

Todo mundo foi embora e resolvi dormir por aqui mesmo. No outro dia bem cedinho iam começar a afinar a luz e eu precisava ver tudo, saber se tinha microfone para consertar de última hora, comprar material, porque sou um homem de responsabilidade e experiência, isso eu sou. Não podia deixar faltar nada porque esse pessoal da fala enrolada é exigente demais.

Mas fiquei tão preocupado que nem dormi. Cochilei duas vezes e sonhei com o microfone se transformando em sapo, depois explodindo, uma coisa medonha. Deitei por ali, pelos bancos da cantina, e não

consegui pregar o olho. Achei melhor levantar e ir testar o som de novo pra ver se eu ficava mais calmo. Quando atravessei o portão e olhei pro palco principal, estava tudo aceso. E quem acendeu sabia trabalhar com a luz. Era estranho porque, como eu disse, só marcaram de afinar a luz no outro dia. Estava lindo do jeito que fizeram… parecia assim um lago de luz, azulado…

Foi quando vi a moça.

Era uma moça novinha como você, vestida de bailarina, dançando de pés descalços, com o cabelo solto e uma roupa daquelas de dançar, toda azul. Ela era muito linda, cabelo cacheado, parecia um anjo. Mas eu não sabia de nenhum ensaio àquela hora — já passava da meia-noite.

Fui andando pra junto do palco, tentando chegar perto pra falar com ela. Não havia mais ninguém lá. Tocava uma música não sei de onde, parecia um piano. A luz ia mudando, mas não vi ninguém na mesa de luz.

— Moça, não tem autorização pra ensaio agora, não.

Mas ela continuou. Tive pena de mandar parar de novo porque era a dança mais bonita que eu já tinha visto neste teatro. Mas tive que dizer:

— Não pode continuar nesse palco sem autorização, moça! Vou ter que apagar as luzes, não é permitido.

Ela parou de dançar e olhou pra mim. Eram uns olhos tão bonitos, um olhar de bondade que eu não esqueço. Só falou uma frase pra mim:

— Eu preciso ensaiar, por favor.

E continuou dançando. E eu dizendo, insistindo, que ela não podia ficar sem autorização, pois quem ia sair prejudicado era eu, que sou um homem de responsabilidade. Pedi, pedi que ela saísse e, enquanto eu falava, de repente, a luz se apagou, a música parou de tocar e a moça sumiu. Eu estava olhando pra ela como estou vendo você agora e de uma hora pra outra não vi mais ninguém.

Até hoje penso nisso e tenho medo de ver a bailarina de novo. Tive que enfrentar o medo pra continuar trabalhando aqui, porque pra mim não tem lugar melhor no mundo. Não sei o que foi, não sei quem era. Na peça dos estrangeiros não tinha nada de balé: só muita fala enrolada, isso sim.

Pra mim ela não apareceu mais, não, mas tem um colega nosso que disse que viu a bailarina há uns cinco anos e até abandonou o emprego por causa disso. A mulher dele disse que, se ele não largasse este teatro mal-assombrado, ela ia embora de casa levando os meninos e ele nunca mais ia ver nenhum deles. Ele obedeceu. Foi o jeito. Só voltou depois que ela morreu. Lá vai ele, passando ali… Ei, Filomeno! Vem aqui que esta menina quer saber da visagem!

FILOMENO ::

Jurei pra minha mulher que nunca mais na vida eu ia falar nisso, dona. Ela morreu ano passado, que Deus a tenha. Acho que quebrar promessa com ela agora não vai mais fazer mal, não. Tenho é vontade de saber o que foi aquilo, aquela alma do outro mundo que só fez agoniar minha cabeça.

Minha mulher, que Deus a tenha, dizia que eu tinha ficado doido depois daquele dia, passando precisão e enjeitando emprego. Mas de noite e sozinho eu não trabalhava mais era em canto nenhum deste mundo. Depois do que vi, nunca mais!

Era o primeiro dia no emprego de guarda patrimonial do teatro. Eu estava feliz de trabalhar aqui, cuidando deste negócio importante. Disseram que o governador vinha aqui sempre… Quem sabe ele gostava de mim e arranjava até uma chefia? Nunca se sabe!

Minha mulher, que Deus a tenha, veio me trazer no primeiro dia, com nosso menino mais novo. Ele teve orgulho do pai vestido de farda depois de velho. Eles colocam os aposentados da polícia pra guarda municipal. É trabalho mais leve, mas pra gente de responsabilidade — e isso eu tenho demais.

Pois na primeira noite eu estava achando tudo muito lindo. No dia seguinte, já ia ter espetáculo e eu ia poder ouvir a música, ver o povo passar. Era um entra e sai danado de gente trazendo enfeite pra botar no palco, acendendo e apagando luz.

Disseram que eu não podia deixar ninguém passar pra aquele negócio em cima do prédio da frente que o povo chama de foaiê. *Eu fiquei prestando atenção.*

O movimento foi diminuindo e, quando deu dez horas, já não tinha mais ninguém por lá. Encostei minha cadeira ali, do lado do poste, liguei meu radinho de pilha e fiquei só observando. O outro guarda que fazia a ronda comigo me chamou pra ver televisão. Mas eu tinha que ficar era ali mesmo, pra ver se o povo não ia pra onde não devia.

Aí eu vi. Naquela ponte de ferro, que vai do teatro pro tal foaiê*, eu vi a moça dançando. Era uma roupa azul, uma saia até o pé. O cabelo bem grande, enrolado. E ela dançava na ponte. Eu chamei, fiz psiu, assoviei, chamei de novo:*

— Ei, não pode ficar aí, não, moça! É proibido.

— Mas eu preciso ensaiar!

Ela respondeu baixinho, mas eu escutei. Tive até pena: era tão novinha e tinha um jeito tão triste. Mas era meu primeiro dia, eu não podia deixar ninguém perto do tal do foaiê*. Ela era linda. Linda como um anjo. Meu amigo que fazia a ronda perguntou se eu estava conversando com morcego.*

— É, não, rapaz! Eu estou é dizendo pra moça sair dali de cima…

— Que moça, rapaz? Onde? Será que você está vendo alma?

Quando virei, ela tinha sumido. Do jeito que eu estava saí correndo e só parei em casa. A sorte era que morava perto. Cheguei com medo e contei pra minha mulher, que Deus a tenha. O negócio é que, na hora do nervoso, fiquei dizendo que a moça era linda, era linda, era linda. E nisso ela ficou foi com ciúme. Dizia que mulher sem-vergonha atenta homem casado até depois de morta. Eu com medo, e a mulher com ciúme. Nunca mais voltei. Até que, quando minha mulher morreu, eu vim de novo. Estava precisando de trabalho e aqui o serviço é leve, posso trazer meu menino.

A bailarina eu nunca mais vi, não. Mas me disseram que aquele ator que anda aqui, o Roberto Rodrigues, viu e até dançou com ela. Ele

estava na cantina neste instante. Se a menina correr ainda pega ele lá tomando café…

ROBERTO RODRIGUES ::

Menina, você, tão novinha, já está pensando nessas coisas de fantasma da bailarina? Isso é lenda. Todo teatro do mundo tem dessas histórias de alma penada vagando… Isso é só imaginação do povo, não tem nada de verdade.

Mas se você quer mesmo saber, eu conto o que sei. Aconteceu uma coisa que até hoje não tenho certeza se foi fantasma, se não foi… Faz tempo que falei nisso da última vez, mas ninguém acredita. Acho que é porque sou ator e fica parecendo que trabalhar e contar mentira, no meu caso, é a mesma coisa.

Mas acredite… Como é seu nome mesmo? Ah, sim, Luciana. Pois acredite, Luciana, não é nada invenção, é tudo verdade mesmo.

A gente tinha terminado uma temporada longa de um espetáculo e a equipe precisava de uma festinha. A última apresentação acabou quase dez da noite e ficamos ali, pelo teatro mesmo, conversando e comendo uns salgadinhos que o pessoal tinha trazido. Lá pelas tantas, acho que foi a Tutti quem teve a ideia de todo mundo pegar figurinos do teatro e improvisar personagens. Lá fomos nós para o porão — nessa época era sujo, cheio de ratos. Um dos funcionários morava lá, o seu Queiroz. Vivia com o filho dele, o Carlim, mas estava dormindo.

Fomos lá catar roupas, sapatos, colares, tudo o que havia. Cada um criava um personagem. Tinha que ter nome, idade, sotaque. A

brincadeira era uns conversarem com os outros, criando uma história. Alguém tinha um som portátil com pilhas novas. Ligamos a música, arrumamos tudo e começamos a dançar. A gente fazia festa por qualquer coisa.

Eu abordava as meninas, tirava uma para uma valsa e ia com aquela conversa meio besta de paquera: "Você vem sempre aqui?".

E assim dançamos, criamos muitas histórias, rimos muito. Além do elenco, havia também alguns funcionários, amigos dos atores e atrizes que ficaram, e era tanta gente que no final eu já nem sabia quantas pessoas estavam na brincadeira.

Até que se aproximou de mim uma moça linda, linda demais. Estava vestida com uma das roupas do teatro, um tutu azul-claro, e descalça. O cabelo era bem longo e cacheado. Os olhos eram esverdeados, quase transparentes, com um olhar inesquecível de bondade. Ela aceitou meu convite para dançar. Era tão fria e leve que aquilo me impressionou. Demorei um pouco para fazer a pergunta, aproveitando a dança. Ela sorria. Era jovem e parecia quase feliz. Quase. No meio da dança eu perguntei:

— Você vem sempre aqui?

Ela riu, um pouco tímida, mas não respondeu. Mudei a pergunta:

— Está aqui há muito tempo?

Fico todo arrepiado só de lembrar. A moça olhou bem nos meus olhos e respondeu com um ar muito convincente:

— Há mais de setenta anos.

Assim ela encerrou o quase sorriso e a dança. Soltou minha mão aos poucos, pediu licença e saiu. Desapareceu. Perguntei a todo mundo da festa pela bailarina, mas disseram que não havia nenhuma. A Carol, do figurino, me garantiu que não havia roupa azul de bailarina. Até hoje pensam que foi brincadeira minha, dizem que eu estava atuando. Quando conto para pessoas de fora, acham que era uma das atrizes brincando comigo.

Mas não era não, minha filha. Uma pessoa de verdade não tem aqueles olhos, aquela voz. Ela não era nem triste nem alegre. Mesmo quando sorria, havia uma dúvida. Passei o resto desses anos me perguntando o que foi aquilo. Se ela estava ali há mais de setenta anos, fazendo as contas, estava no teatro desde a construção. Mas como, se era tão jovem? Já voltei lá tantas vezes! Já fiquei só no porão, chamei por ela, mesmo sem saber seu nome. Escrevi um texto para ela e li em voz alta. Nada. Nunca mais apareceu. O pior é que ninguém acredita. Mas por que você quer saber tanto sobre a bailarina, menina? Acha que ela existe? Você acredita em mim? Também acha que esse fantasma anda pelo teatro?

Ah, é só um trabalho de colégio? Sei… Bom, eu soube que a Augusta também teve um encontro com o fantasma da bailarina… Ela está no foyer, arrumando umas coisas. Se quiser falar com ela, aproveite…

AUGUSTA ::

Florzinha, estou superocupada! Não tenho muito tempo pra conversar, não, mas, como a história é curta, vou contar bem rápido.

Era 1º de maio e eu não tinha expediente no teatro, mas precisei vir aqui pegar um documento que havia esquecido na minha sala.

A passagem ia ser tão rápida que o Patrick, meu marido, parou o carro ali na frente, ficou me esperando e eu entrei correndo. Fui lá, peguei o documento e, quando estava voltando, vi uma moça vestida de bailarina ali perto do poste, brincando com uns gatinhos. Fui chegando perto e ela correu. Achei esquisito e fui atrás, chamando. Na hora pensei que devia ter deixado a porta aberta e ela tinha entrado. Mas era estranho: toda arrumada, de tutu azul, meia, sapatilha, cabelo solto, pronta pra um espetáculo que certamente não seria ali, florzinha, porque quem tomava conta da programação era eu e nada estava marcado.

Pra onde ela ia, os gatinhos iam todos atrás, coisa estranhíssima. Até que ela passou pela lateral do teatro como se fosse pro porão. Fui atrás gritando:

— Moça, volte, não pode ficar ninguém aqui hoje.

Não sei o que ela ia fazer no porão, porque era ainda mais bagunçado do que é hoje. Quando entrei, ela estava abaixada, olhando alguma coisa no chão. E eu disse mais uma vez:

— Você não pode ficar aqui, não, florzinha. O teatro está fechado e é proibida a entrada de qualquer pessoa.

Ela interrompeu o que estava fazendo, procurando sei lá o quê, olhou pra mim e disse com uma voz fraca, que quase não saía:

— Você pode me ajudar?

Levantou e veio pra perto de mim de repente. Não sou mulher de ter medo fácil, não, mas nessa hora eu tive. Porque a moça era tão pálida, e tinha um olhar tão melancólico, e isso tudo no meio do silêncio, naquele porão escuro, vazio…

A sorte foi que meu marido estranhou minha demora — porque ele sabe que eu sou rapidíssima —, desceu do carro pra me procurar e entrou no porão bem na hora. Quando me viu falando, dizendo que ela tinha que ir embora, achou esquisitíssimo, claro: me ver ali, naquele lugar sujo, bagunçado, falando sozinha. Dei um grito de susto com a voz dele quando me perguntou com quem eu estava conversando. Virei pra mostrar a moça teimosa, mas ela não estava mais lá. Ele morre de rir até hoje. Diz que estou ficando gagá. Mas eu vi e falei com aquela bailarina e, se eu visse a moça de novo, reconheceria. Se soubesse desenhar, desenharia com perfeição o rosto, os traços… mas nada descreveria o olhar dela. Nada! Nunca vou esquecer.

Não sei pra que você quer saber disso, florzinha, mas se chegar a ver o fantasma, diga que mandei lembranças. Agora eu realmente preciso voltar ao trabalho. Au revoir!

Minha estreia no jornalismo foi assim: rápida, corrida e assustadora. Quatro entrevistas que me deixaram tonta. Tudo e nada fazia sentido ao mesmo tempo. A bailarina agora tinha rosto, expressão, tom de voz, cor de roupa, detalhes confirmados por outras pessoas que viram as mesmas coisas que Anabela. Definitivamente, ela não estava imaginando coisas.

E os gatos? Humpf! Desde o começo eu sabia que alguma coisa tinha a ver com eles. Ou que eles tinham a ver com alguma coisa. Pena que não falam. Ou, sei lá, talvez até falem. Não duvido de mais nada. No mesmo programa que vi sobre fotos de almas do outro mundo, soube também que os gatos enxergam os mortos. Preciso ficar atenta a isso, de olho nos gatos. Pode ser que eles apontem para onde estão os fantasmas.

Tinha que encontrar um jeito de contar tudo pra Anabela, com calma. E pensar bem depressa no que fazer, porque não podia jogar uma bomba dessas no colo da garota como se fosse qualquer bobagem.

A coitada nem desconfiava da minha investigação… Ficou a tarde toda com o pai, em uma palestra sobre a história do teatro. Depois fomos à casa dela, como sempre, e achei que a melhor coisa a fazer seria ouvir a fita com todas as minhas gravações. E foi isso mesmo que nós duas fizemos. Sentamos no banquinho da frente da casa, com a luz acesa e tomando cuidado para o Marcelo não ouvir nada.

Voltei a fita até o início e nos concentramos para escutar. Começamos pela entrevista do Mauro, mas, de repente, a gravação parou. Em vez da entrevista, ouvimos a voz fraca de uma moça, dizendo muito claramente:

— Anabela, você precisa voltar. Volte ao palco do teatro.

A voz era fraca, sim, mas aquilo não era um recado. Era uma ordem expressa que Anabela precisava obedecer.

7. O diário

ANABELA ::

Parecia um pesadelo, dos piores. Eu queria fugir, mas era obrigada a ficar cada vez mais perto do que me assustava. Precisava voltar todos os dias para o mesmo local e encarar o medo. Contar para o meu pai, nem pensar. Primeiro porque ele nem teria tempo de ouvir. Eu ia ter que falar andando atrás dele, enquanto ele via mil coisas de um lado para o outro. Só escutaria o final de cada frase, provavelmente sem entender nada. Segundo porque seria uma desfeita dizer que eu não queria mais voltar para o lugar que, naquele momento, era a coisa mais importante da vida dele. Eu estava de volta à estaca zero e realmente não sabia o que fazer.

No dia seguinte àquela noite assustadora, em que ouvi a voz do fantasma me chamando, tive que ir ao teatro à tarde, como vinha ocorrendo desde o início do trabalho do meu pai. Por sorte a Luciana foi comigo e decidimos não chegar perto do palco. Ficamos estudando no jardim, ao lado da sala de espetáculos. Eu achava que as plantas e o muro poderiam me proteger de um fantasma. Que ingenuidade! Os fantasmas são as criaturas mais poderosas deste mundo.

Eu precisava estudar. A vida continuava normalmente, apesar de tudo. As provas começariam em breve e, se eu não esquecesse isso tudo e estudasse matemática, fantasma nenhum ia me ajudar a passar de ano. A não ser que fosse o fantasma do Einstein.

Ficamos das duas às cinco da tarde estudando calmamente naquele jardim tão bonito. Revisamos a matéria toda, fizemos um piquenique e estávamos indo para o saguão encontrar meu pai quando nossa paz foi interrompida pelo miado desesperado de uma turma de gatinhos malucos vindo pra cima da gente. A Luciana, obviamente, achou que iam nos atacar até a morte e tivemos que correr pra dentro do teatro. Eu, por mim, não correria, mas fui puxada por ela. O que vinha na frente era o menor de todos, o Gato de Um Olho Só. Era o líder do movimento, motim, ataque, ou sei lá o que era aquilo.

Corremos desesperadas, atravessamos o corredor principal e chegamos diante do palco. Olhei para trás e vi que eles haviam parado de nos perseguir e voltavam calmamente para o lugar de sempre, em volta do poste, como se nada tivesse acontecido.

Os operários nem entenderam por que a gente estava correndo tanto — não ouviram os miados nem nossos gritos. Naquele dia estavam sendo retiradas as tábuas do piso do palco, com martelo e furadeira, tudo muito barulhento. No fim das contas, levamos a fama de loucas. Culpa da Luciana. E dos gatos malucos.

Nada de coragem de sair de onde estávamos. Ficamos grudadas nas cadeiras e rezamos. Decidimos esperar meu pai lá mesmo. Estaríamos protegidas. Com a presença dos operários, os gatos não atacariam

ninguém e o fantasma não ousaria aparecer. O coração estava na boca. Atrás de nós, os gatos. Na frente, o palco, para onde a bailarina mandara que eu fosse e eu acabei indo… À força, mas fui.

Quando eu já estava quase calma, quase esquecendo, quase voltando ao normal, ouvimos um estrondo. Durante a retirada das madeiras do palco principal, um funcionário se desequilibrou e caiu no fosso da orquestra. Não aconteceu nada de grave com ele. No impulso, subimos todos para tentar ajudar, mas era muita poeira. A queda foi amortecida por um monte de panos que estavam lá. Roupas velhas, pedaços de colchões, cortinas antigas. O espaço sob o palco fazia parte do porão, um depósito confuso e desarrumado onde guardavam antigos cenários e figurinos.

Na queda, o funcionário machucou a mão justamente quando se apoiou em um objeto compacto. Era um baú. Um antigo baú de madeira, trancado com cadeado. Feminino, certamente, pela riqueza de detalhes, pela delicadeza do trabalho na madeira.

Desde o início da reforma, havia uma ordem expressa de que tudo o que fosse encontrado deveria ser entregue intacto a meu pai, que faria o registro da peça, fotografaria e arquivaria para estudo da equipe de historiadores e, se necessário, de arqueólogos preparados para analisar os achados. Um dos operários me entregou o achado.

— Você pode levar o baú pro Marcelo? Ele estava fazendo umas medições na entrada do porão e ainda deve estar por lá.

Recebi o baú e fui sem pensar em nenhum perigo, correndo, concentrada no sorriso do meu pai, que eu veria em alguns segundos. A Luciana não foi comigo, claro. Ainda estava com medo dos gatos.

Cheguei ao porão sozinha. Chamei por meu pai e nada. Ouvi ao longe uma voz masculina, que eu não tinha certeza se era dele ou de um dos funcionários que estavam logo ali, na parte da frente do palco.

Achei que a sensação estranha e o desconforto que tomavam conta de mim eram pela bagunça daquele lugar. Mas não. Logo que entrei, senti a mesma brisa fria da noite das willis, e ali não havia por onde correr o vento, a não ser que viesse de outro mundo. E vinha. O fantasma da bailarina estava ali de novo, surgido não sei de onde. Ficou na minha frente e me chamou pelo nome:

— Anabela, que bom que você veio! — exclamou com seu hálito frio.

— Não estou aqui por sua causa. Estou procurando meu pai!

Disse isso quase saindo do porão, tentando parecer destemida, mas não deu tempo de nada: aquele vento frio me envolveu e me paralisou.

— Agora é tarde para fugir, Anabela. Você tem que me ajudar!

Era isso. Ela queria que eu fizesse alguma coisa para libertá-la. Lembro que minha avó havia falado algo sobre almas que voltam. Bastava perguntar: "O que você quer?". Aí a alma penada responderia se queria oração, vela ou missa e tudo se resolveria. Criei coragem e disse com a voz tremida:

— Você quer oração, vela ou missa?

Ela manteve os olhos em mim e pediu implorando:

— Quero que você abra esse baú.

Decepção. A resposta não foi tão simples quanto minha avó me dissera. Em vez de desatar um nó, eu começava a puxar o fio de um novelo.

A mão branca e fria daquela moça do outro mundo apontou para a parte de baixo do baú, onde havia um fundo falso que escondia a chave. Não foi por acaso, não. Ela sabia exatamente onde a chave estava.

A chave serviu e eu abri. Por dentro o baú era forrado com um tecido vermelho de flores brancas e miúdas. Havia poucos objetos, organizados com muito cuidado. Eu queria ver tudo, um por um. Sou curiosa e adoro coisa antiga. Mas ao mesmo tempo queria sair correndo dali, levar o baú para meu pai, contar tudo, pedir proteção… Os pensamentos corriam rapidamente e, quando vi, ela já apontava para outro lugar dentro daquela misteriosa caixa.

Era um pequeno caderno, com capa forrada de tecido florido em tons de rosa e todas as folhas pautadas e preenchidas pela vida de quem havia escrito.

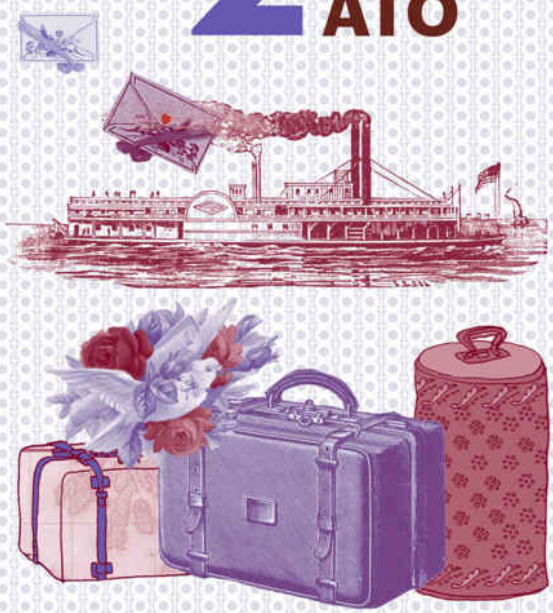
— É o diário da minha mãe — ela disse, adivinhando minha pergunta.

O caderno estava abraçado por uma fita de cetim cor-de-rosa. Sem ela, o diário ficaria aberto por causa das colagens entre as folhas. Parecia minha agenda. Desfiz o laço e vi mechas de cabelo loiro, recortes de jornal, bilhetes dobrados, fotos, flores secas, pequenos cartões… uma vida inteira!

Na primeira página havia um recorte do jornal O Unitário*, com data de 11 de abril de 1908. Foi por ele que comecei a viagem.*

A

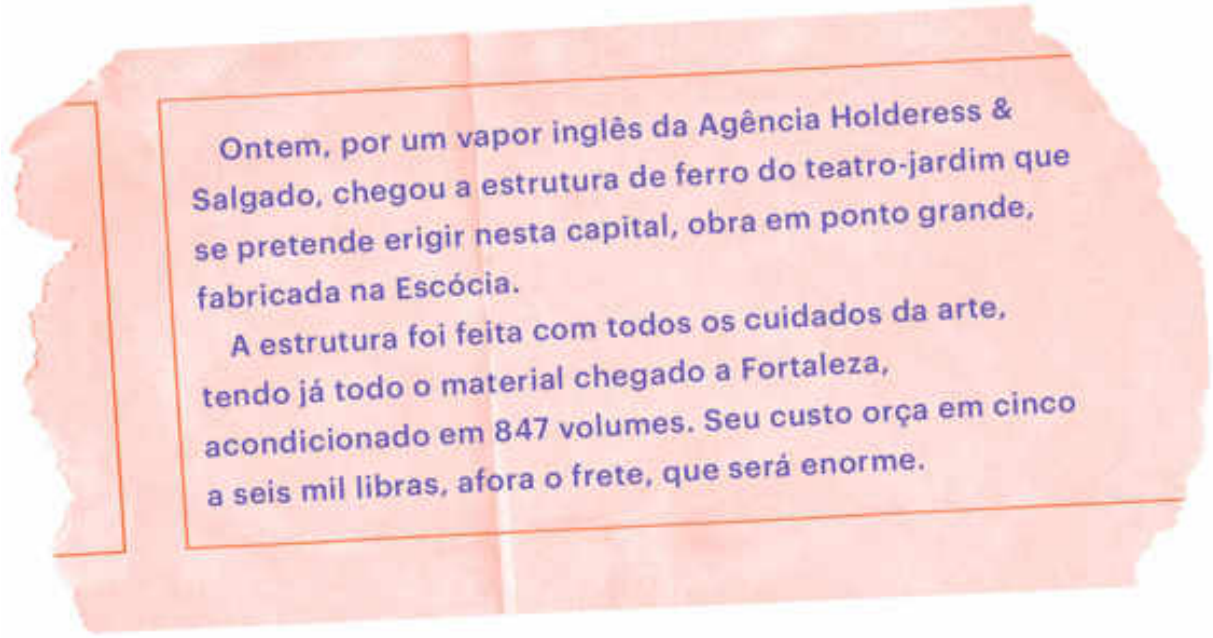
2° ATO



1. O vapor que cruzou o mar

Desde que tocara pela primeira vez o tecido macio que cobria a capa daquele caderno, delicado presente do pai no Natal de 1907, Maria Rosa pressentiu que escreveria nele as páginas mais bonitas de sua vida.

As primeiras palavras, impressas em tinta preta e papel amarelado, não foram escritas por ela, mas pelo destino. Era um recorte de jornal, cuidadosamente colado no centro da primeira página do caderno novo.



Ontem, por um vapor inglês da Agência Holderess & Salgado, chegou a estrutura de ferro do teatro-jardim que se pretende erigir nesta capital, obra em ponto grande, fabricada na Escócia.

A estrutura foi feita com todos os cuidados da arte, tendo já todo o material chegado a Fortaleza, acondicionado em 847 volumes. Seu custo orça em cinco a seis mil libras, afora o frete, que será enorme.

O pedacinho de jornal não contava a parte mais importante da notícia. Junto com o ferro, chegou também o jovem engenheiro Joseph MacFarlane, que viera da Escócia enviado pelo pai, Walter MacFarlane, para supervisionar a montagem da estrutura de ferro do Theatro José de Alencar.

O jornal não contava também que os olhos de Joseph eram preenchidos de um azul infinito, como deveria ser o mar de sua terra. De tanto navegar no caminho até o Brasil, a cor do oceano devia ter ficado impressa naqueles olhos. Olhá-los de perto era como viajar e perder a noção do tempo.

Os olhos de castanha de Maria Rosa encontraram o mar de Joseph pela primeira vez quase um mês depois de sua chegada. Era o dia 7 de maio de 1908, conforme sua anotação no diário. A moça fora levar o almoço do pai, Antônio, que trabalhava como mestre de obras na construção dos alicerces e de toda a parte de alvenaria do que viria a ser o Theatro José de Alencar.

Quando Maria Rosa chegou trazendo a marmita embrulhada, seu pai estava tentando se comunicar com Joseph com gestos enérgicos, apontando para o material e desenhando no ar o que seria construído ali. Os dois se entendiam: Joseph com seu inglês da Escócia, Antônio com seu português sem instrução, dando aula de mestre sobre seu ofício. Era engraçado.

Maria Rosa não quis interromper e ficou a alguns passos do pai, esperando que a conversa terminasse, olhando sem querer olhar, sem conseguir desviar a vista do moço que falava estrangeiro.

Joseph sentiu a presença de Maria Rosa. Ou seu perfume. Os olhos da moça, sob o brilho do sol, tinham a cor das castanhas que sua mãe gostava de cozinhar com calda de açúcar e transformar em creme.

“Olhos de marrom-glacê”, ele pensou. E passou a esperar a chegada de Maria Rosa como esperava os doces da mãe quando era criança.

Maria Rosa sempre levara com muito gosto o almoço do pai. Isso em todos os lugares onde ele tinha trabalhado antes daquela obra. Agora o horário de levar a refeição era o mais feliz do dia. Ela era pontual e Joseph gostava disso. Estava de acordo com seus hábitos e, além do mais, contribuía para que não ficasse muito ansioso. Afinal, eram poucos minutos perto dela, amando em silêncio seu olhar de castanhas doces.

Tão doces que deviam ser a própria natureza de Maria Rosa.

E ela, tão bonita e naturalmente elegante. Morena de cabelos escorridos, corpo bem-feito, coberto por vestidos simples. Eram tão poucos os vestidos que cabiam todos em uma mala pequena. Tão repetidos, tão previsíveis que já faziam parte do cenário daquela construção.

Não foi só Joseph quem decorou cada flor dos vestidos de tanto olhar. Os operários tentavam disfarçar em respeito a Antônio, pai da moça, mas, quando Maria Rosa entrava, todos paravam pra ver.

Ela não percebia. Era ingênua e não pensava em namoro até conhecer o mar que viera até ela nos olhos de Joseph. Não enxergava o movimento que sua presença causava, não percebia os olhares. Tanto que não notou

nada de mais quando os artistas que chegaram para pintar o teatro, já com a obra adiantada, começaram a convidá-la para apreciar as pinturas em andamento.

Maria Rosa ia, encantada com as cores. Gostava especialmente de Raimundo Ramos Filho, mais conhecido como Ramos Cotoco, apelido que fazia alusão à sua deficiência física. Ele pintava com o pincel amarrado ao braço e, com seu talento e bom humor, conseguia movimentos precisos nas pinturas que lhe cabiam. Os artistas José de Paula Barros e Herculano Ramos e também o jovem ajudante Gustavo Barroso participavam das pinturas e da admiração pela jovem flor.

Mas o mais incisivo na paquera era mesmo Ramos Cotoco. Chegou a oferecer a Maria Rosa o emprego de auxiliar de pintura, mas seu pai não permitiu que ela aceitasse. A moça era ingênua e o pai era um homem vivido.

Ramos Cotoco, que era também compositor e poeta, recebia Maria Rosa cantando versos de sua autoria:

Escuta flor mimosa
Meu canto apaixonado
A ilusão saudosa
Do meu amor passado
Escuta flor mimosa
Ó, meu lírio nevado
Meu primeiro amor
Do tempo o seu rigor

Roubar não pode ainda
A tua imagem linda
Do pobre peito meu

Aí, sim, ela notou. A cantoria de Ramos Cotoco já estava deixando Maria Rosa envergonhada. Joseph MacFarlane também percebeu e estava ficando muito enciumado. Apesar de não notar em Maria Rosa nenhum gesto que revelasse interesse pelos artistas, pressentia que precisava tentar alguma aproximação. De Antônio ele já estava bem próximo, graças ao dia a dia do trabalho. Entretanto, ainda precisava chegar mais perto dela.

A construção do teatro andava muito bem. Os meses se passaram e a estrutura interna já estava bem adiantada, a pintura de alguns detalhes já quase pronta.

Joseph havia combinado com o pai que acompanharia a obra e voltaria para Glasgow para assumir seu posto como dono da fábrica de ferro Walter MacFarlane & Co. Isso significava que o jovem tinha menos de um ano para declarar seu amor a Maria Rosa e se casar com ela, pois não passava por seu espírito a menor sombra de dúvida de que aquela moça de olhos de castanhas era a mulher de sua vida.

Cada vez mais os dois se queriam, em silêncio. Ignoravam os sentimentos um do outro, mas, de algum jeito, sentiam que uma felicidade parecia prometida para eles. O português de Joseph deu provas de bastante evolução quando ele conseguiu perceber, entre as conversas dos artistas, a intenção de um deles de falar com Antônio sobre os sentimentos que

nutria por sua filha. Era do que Joseph precisava para tomar coragem, e ele tomou.

2. Noite de luz

Não haveria tempo para esperar que a carta comunicando o casamento cruzasse o oceano e voltasse atravessando toda aquela água. Impossível. O amor quase sempre não pode esperar tanto. Joseph pedia a Deus que os pais compreendessem sua ansiedade, mas não conseguia ver nenhum motivo que o fizesse adiar sua união com Maria Rosa.

Por isso o casamento aconteceu de forma simples e muito bonita, em uma tarde ensolarada de 7 de maio de 1909, exatamente um ano depois da primeira vez que os dois noivos haviam se encontrado. Maria Rosa sabia a data — as mulheres não esquecem esses detalhes, ainda mais quando têm um diário.

Joseph deixou o hotel onde morava e alugou uma casa próxima de onde Antônio vivia com Maria Rosa desde que ficara viúvo.

Na reta final da construção, ela ia ao teatro levar o almoço do pai e do marido. Como morava bem perto, adquiriu o hábito de voltar também ao final da tarde, a pedido de Joseph. Os dois gostavam de ir até o terceiro piso todos os dias, junto da letra A, de “amor”, e lembrar o tempo em que se amavam em silêncio.

Eles assistiam à despedida do sol olhando para a praça Marquês de Herval, em frente ao teatro, enquanto Maria Rosa ensinava coisas sobre a cidade. Joseph contava histórias de seu país, os costumes dos escoceses, e ela ria muito ao descobrir alguns hábitos diferentes, como homens usando saia xadrez.

O jovem engenheiro demorou tanto para reunir a coragem necessária para escrever uma carta comunicando aos pais o casamento que deu tempo de ter mais uma novidade para contar: Maria Rosa estava grávida.

Entre a carta que foi e a que voltou, passaram-se oito meses. Já muito perto de dar à luz, Maria Rosa ouviu de Joseph a tradução da carta de seus sogros, Walter e Elisabeth, e de sua cunhada, Carlotta.

Os pais abençoavam a união do filho mais velho e demonstravam alívio por saber que ele tinha encontrado um pouso firme no Brasil. Era 1910 e a situação na Europa era preocupante, contaram. A cidade de Fortaleza crescia vivendo sua *belle époque* e não faltava trabalho para um engenheiro europeu. A empresa da família já havia mandado ferro para outras construções e ele teria mais obras para supervisionar.

Elisabeth e Walter concluíram a carta abençoando o nascimento do neto ou da neta que estava para chegar. A irmã, Carlotta, que era bailarina, mandava um recado: que se fosse menina, eles a batizassem de Clara, como a protagonista do balé *O quebra-nozes*. O pai pedia que, se fosse menino, recebesse o nome Walter.

A cartinha, curta e emocionante, era a quarta colagem do diário de Maria Rosa e havia chegado poucos dias antes da tão esperada inauguração do Theatro José de Alencar.

Joseph deu de presente ao sogro um paletó feito sob medida para aquela noite. Maria Rosa comprou um belo tecido azul na loja Torre Eiffel e mandou fazer um vestido especial para embelezar mais ainda a gravidez de quase nove meses.

Era dia 17 de junho de 1910. Joseph, Maria Rosa e Antônio entraram juntos na festa de inauguração do teatro que cada um, a seu modo, ajudara a construir.

Seria uma noite longa. Lá pelo décimo discurso, Maria Rosa disse a Joseph que precisava ir ao banheiro. Isso não espantou o marido, já que naquela fase da gravidez suas idas ao toalete eram frequentes.

O que Maria Rosa pensava ser mais uma incontinência urinária comum do final da gestação era na verdade a bolsa que se rompia. Ela se lembrou do que a mãe falava sobre os partos das mulheres da família. Nunca dava tempo de chamar a parteira. Quando a bolsa se rompia, a criança já estava vindo…

Com Maria Rosa não foi diferente. Ela mal teve tempo de se acocorar no chão do porão do teatro e a criança nasceu, perto da imagem de São Genésio, protetor dos artistas.

Uma das atrizes que se apresentariam naquela noite passava por ali e parou para ajudar. Acabou por borrar a maquiagem com as lágrimas comovidas diante de situação tão inesperada e, deixando de lado as circunstâncias e o lugar, tão emotivamente familiar.

Foi um parto muito rápido. A moça ajudou a enrolar a criança com uma toalha e Maria Rosa pediu que chamassem o pai. Joseph chegou, entre

espantado e feliz, e a primeira coisa que ouviu da esposa foi a palavra que passou a ser para eles a expressão mais completa da felicidade:

— Clara!

3. Elisabeth e Carlotta

Clara aprendeu a andar no chão do teatro, sempre se apoiando nas grades escocesas produzidas pelo avô e trazidas pelo pai de um pedaço tão longe do mundo. Aquele lugar era seu pequeno paraíso, seu castelo, seu lar.

O teatro fazia parte de sua vida da mesma forma que ela já era parte dele. Clara adorava correr de um lado para o outro, na passarela entre a sala de espetáculos e o foyer. Sua mãe gostava quando via a menina cheia de cores por trás dos vitrais iluminados pelo sol. Era tão leve, de cabelos compridos, e estava sempre tão feliz que parecia um anjo saltando por aquele lugar que, para Maria Rosa, tinha a luz sagrada de um templo.

Joseph não trabalhava mais no teatro. Estava supervisionando outras obras do Ceará que utilizavam as estruturas de ferro da MacFarlane & Co., algumas por perto e outras em cidades mais distantes. Antônio já estava aposentado — a construção do teatro fora seu último trabalho. Não havia motivo para as visitas diárias, mas, mesmo assim, Maria Rosa conservou o hábito de ir todas as tardes para aquele lugar que lhe proporcionara a maior felicidade de sua vida.

Ela sentava em um banco para escrever em seu diário enquanto Clara brincava nas escadas com outras crianças, filhos de funcionários ou de artistas que lá iam se apresentar… A garota não deixava por menos: dizia sempre que era dona do teatro e ia logo mostrando os melhores esconderijos, o lugar exato onde nascera, comportando-se como a rainha de seu suntuoso castelo.

Maria Rosa acabava de colar um cachinho do cabelo de Clara, envolto em um fitilho rosa, quando Joseph chegou sem que ela o esperasse, pálido, segurando uma carta.

— Meu pai morreu. Minha mãe está vindo para o Brasil com Carlotta.

O pai de Joseph falecera depois de uma longa doença, seriamente agravada pelas preocupações naqueles anos tumultuados para os europeus. Era 1915. A Primeira Guerra Mundial tornava as coisas cada vez mais difíceis no Império Britânico. Com tudo isso, elas não tinham como permanecer por lá.

A MacFarlane & Co. seria administrada pelos tios de Joseph, que ajudaram a embarcar Elisabeth e Carlotta em um navio para o Brasil. Quando a carta chegou a Fortaleza, as duas já estavam a caminho. Era uma viagem muito arriscada. Um navio inglês poderia ser facilmente abatido por um submarino alemão em tempos de guerra. Maria Rosa rezava todos os dias para que nada de mau acontecesse à sogra e à cunhada na travessia das águas que traziam mais uma parte da família para um mundo que prometia ser melhor.

A viagem durou cinco meses. O tempo necessário para que Joseph e Maria Rosa mudassem para uma casa maior, com mais conforto e espaço

para receber as novas moradoras. Maria Rosa pensava tanto na chegada da sogra e da cunhada que mal dormia. Como seriam? Ternamente educadas como Joseph? Ou talvez esnobes? O que achariam da casa, da comida, da vida simples que viviam?

Na maior parte de seus pensamentos, a sogra aparecia como a fonte da gentileza de Joseph. Algo dela estaria nele, certamente. De tanto pensar e esperar, a alma inocente e doce de Maria Rosa alimentou a esperança de encontrar na sogra o aconchego da mãe que lhe fazia tanta falta. E, no sorriso da cunhada, a amizade da irmã que nunca tivera. Foi com essas expectativas que Maria Rosa arrumou a casa e o coração para receber sua nova família, que, para sua sorte, não seria muito diferente do que ela via em seus sonhos.

Elisabeth e Carlotta chegaram ao porto de Fortaleza em uma manhã inacreditavelmente quente. A chegada das herdeiras da MacFarlane & Co. fora anunciada aos quatro ventos, em notinhas de jornal e conversas de calçada, e não demorou para que se tornasse um dos acontecimentos mais aguardados da cidade.

Ao descer do navio, o primeiro gesto de Elisabeth foi abraçar o filho, a nora e a neta. Se alguém estivesse ali, medindo em centímetros, pesando em quilogramas, caso o amor fosse algo mensurável, constataria que Elisabeth dedicou a mesma porção de carinho a cada um, como se fossem únicos em seu coração. Quando abraçou Maria Rosa, sentiu que ela também era sua filha.

Elisabeth era alta, elegante, de cabelos brancos e bem cortados, dona de um olhar firme e carinhoso ao mesmo tempo. Para surpresa da nora e da

neta, ela falava bem português. Sua família era do Porto, cidade do norte de Portugal, e, apesar de ter ido morar na Escócia muito jovem, não esquecera a língua dos pais.

Carlotta veio a seguir, com sua elegância de bailarina e uma simpatia discreta e sincera. Magra, muito branca, cabelos arrumados em coque, não falava português fluente como a mãe, mas desejava aprender o mais rápido possível.

De modo geral, as duas aparentavam uma solene tranquilidade na chegada a Fortaleza. Vieram de corpo e alma e não pareciam lamentar o que haviam deixado para trás. Elisabeth praticamente só deixara lembranças. Seus pertences, pouco importando o tamanho, vieram todos com ela, acomodados em dezenas de caixas de madeira.

— Minha casa atravessou o mar! — ela disse, apontando para os volumes.

Uma das maiores caixas da mudança era a que guardava seu piano, que carecia de ser levado com o mesmo cuidado com que se carrega um recém-nascido.

Em outra caixa estavam guardados alguns pedaços do sonho de Carlotta, que muito em breve passaria a ser o grande sonho da vida de Clara.

4. Dança de anjo

O piano já estava instalado no lugar mais ventilado da casa. Os móveis foram devidamente montados e já exibiam a porcelana escocesa, que cruzara o oceano e chegara praticamente intacta. Uma ou duas peças foram quebradas, mas nada grave. A prataria, os faqueiros, as obras de arte, tudo já estava disposto pela casa como se sempre tivesse pertencido a ela. Com tudo arrumado, Elisabeth se sentia em casa, adaptada à vida brasileira. Seu temperamento forte encontrou a pacífica aceitação (e admiração) de Maria Rosa e Antônio, o que facilitou muito a vida para todos.

Elisabeth era determinada demais para passar pela vida de qualquer pessoa sem provocar certo impacto, que naturalmente resultava em mudança no outro. Não seria diferente com aquela parte de sua família com quem, a partir de então, ia conviver para o resto da vida. Ela sabia exatamente até que ponto deveria aceitar os modos de vida brasileiros e a partir de que momento deveria intervir com seu poder de matriarca.

Em seu íntimo, ela sabia também que a vida seria mais leve do que era na Europa. A leveza estaria em pequenas coisas. Em seus vestidos, que agora tinham muito menos mangas, golas e anáguas. Em sua rotina, que

não a obrigava mais a viver com tantos compromissos sociais, acompanhando o marido em viagens de negócios, falando várias línguas conforme a necessidade, agindo como a primeira-dama da companhia de ferro.

Por tudo isso, Elisabeth estava sempre de ótimo humor. A mudança para o Brasil não fora, de forma alguma, algo difícil de aceitar. Esse ponto de vista conferiu a ela a alegria e a boa vontade necessárias para confortar Carlotta. Esta, sim, sentiu muito a partida da Escócia. Lá fazia parte de uma importante companhia de balé desde bem pequena. Sua carreira era promissora e, com mais um ou dois anos, ela seria a primeira-bailarina. Mas a guerra interrompera seus planos de forma tão brusca que era impossível não se sentir mal ao ver tudo lhe escapando das mãos.

Elisabeth pensou rápido e encontrou uma maneira de animar Carlotta. O que havia levado seu filho para Fortaleza fora a construção de um teatro, que agora existia, estava de pé, belíssimo como qualquer outro teatro-jardim da Europa. Mas ainda faltava muita coisa e, agora, o teatro precisava de Carlotta para oferecer a ele ainda mais vida. A princípio ela não entendeu, mas Elisabeth foi um pouco mais clara. As duas poderiam iniciar em Fortaleza uma escola de artes, ensinando piano e balé nas dependências do teatro. Seu marido e seu filho haviam levado a estrutura. Agora as mulheres MacFarlane levariam para aquela casa o espírito das artes, formando artistas para que o palco nunca estivesse vazio.

Carlotta não fazia ideia de como isso aconteceria. Para ela, o Brasil era tão distante e tão diferente da sua Glasgow que sua imaginação não conseguia contemplar a realização desse sonho. Mas ela confiava na mãe.

As duas investiram na compra do material necessário para a companhia. Foram inúmeros pares de sapatilhas, figurinos de balé, livros, partituras para os alunos de piano. E todo esse material enchia uma das maiores caixas que haviam cruzado o oceano com a mudança. Finalmente o dia chegou.

A caixa gigantesca, grande demais para caber dentro de casa, estava no quintal, coberta com uma lona para que ficasse protegida das raras chuvas do Nordeste.

Clara já sabia do conteúdo e só não insistia duas vezes a cada hora para que fosse aberta graças aos apelos de Maria Rosa, que lhe suplicava para ter paciência e controlar a ansiedade.

Ali dentro estavam as peças de um novo mundo. Quando os pedaços de madeira foram arrancados pelos dois ajudantes contratados por Joseph, Clara entrou na caixa sem cerimônia, mergulhando nas sapatilhas, coberta por um mar de tule, cetim, meias, livros e adereços.

— Escola de Balé e Piano Carlotta MacFarlane! — disse Elisabeth, transformando a abertura da caixa em ato solene.

Não seria fácil botar a escola para funcionar, mas Elisabeth sabia exatamente por onde começar.

As distintas senhoras da sociedade de Fortaleza, que já estavam quase desistindo da tentativa de amizade com as europeias, foram surpreendidas com os convites que chegaram às suas residências, chamando todas elas para um chá na casa dos MacFarlane.

De uma hora para outra, elas não conseguiam falar ou pensar em outra coisa. O convite chegara com vinte dias de antecedência — que distinção!

Assim, tiveram tempo de providenciar o que precisavam para se apresentar adequadamente vestidas para o evento. Um recital!

Elisabeth recebeu todas com simpatia e educação. Delicadamente, sugeriu que o calor estava insuportável e que ela mesma não conseguia manter o uso de seus vestidos europeus e já havia providenciado novas roupas. Maria Rosa já havia levado Elisabeth às modestas casas das rendeiras, amigas de sua mãe, que tivera a mesma profissão. Nada encantara mais sua sogra do que os dedos ágeis daquelas artistas. Tanto que as três melhores rendeiras foram contratadas para trabalhar exclusivamente nas roupas da família.

O recital aconteceu das cinco da tarde às sete da noite. Elisabeth conduziu cada passo do encontro. Inicialmente, tocou três belíssimas peças de piano, para o deleite de todos. A seguir, apresentou oficialmente a filha Carlotta, que dançou a "Valsa das flores", um dos números de *O quebra-nozes*, balé de sua predileção.

Carlotta agradeceu os aplausos emocionados. Elisabeth levantou do piano e pediu que escutassem algo que tinha a dizer. As senhoras que estavam ali foram escolhidas para ouvir, em primeira mão, o projeto que a família guardava para a cidade.

Mãe e filha expuseram a proposta de ensino de balé e piano. Comentaram o quanto era encantador para as moças saber tocar um instrumento e dançar balé com perfeição. Elas iam com o tempo se tornar mais delicadas e graciosas, tais e quais as deusas gregas. Além de mais cultas, obviamente, porque Elisabeth incluiria na programação do curso

um bom número de aulas teóricas sobre os principais compositores e escritores europeus.

As mulheres se agitaram com a ideia, maravilhadas. Mas Elisabeth lamentou o quanto ainda faltava para realizar o sonho: a autorização para que o Theatro José de Alencar aceitasse a estrutura de espelhos e o mais importante: as alunas.

As senhoras presentes se prontificaram, de imediato, a conversar com seus respectivos maridos para resolver os problemas burocráticos em poucos dias.

Enquanto Elisabeth propunha tocar novamente a “Valsa das flores” para que Carlotta dançasse, Clara entrou na sala. Durante todos aqueles dias que antecederam o recital, ela estivera o tempo inteiro assistindo aos ensaios de sua tia Carlotta, aprendendo como lidar com as fitas da sapatilha, com a delicadeza dos tules, com os movimentos, e toda a sua atenção fora o bastante para que acompanhasse a tia na dança.

A perfeita delicadeza de seus gestos pegou de surpresa o coração da família. Nem Carlotta imaginava que a sobrinha pudesse manifestar tão cedo a leveza e a disciplina necessárias para o estudo do balé. Seu corpo e sua postura eram como o melhor mármore de que um escultor poderia dispor para seu trabalho. As dúvidas de Carlotta sobre o sucesso da companhia de balé foram imediatamente dissipadas, como uma nuvem que o vento sopra para longe.

Clara apresentava muito mais altivez e talento que Carlotta em sua idade. Maria Rosa, Joseph e até Antônio, que fora chamado para assistir à apresentação espontânea da neta, estavam emocionados. A música

terminou e Clara, tranquila como um anjo, simplesmente agradeceu, sem a menor noção do arrebatamento que acabara de causar no coração de todos. Ela só queria dançar.

Elisabeth propôs e Carlotta concordou que a escola deveria mudar de nome:

— Escola de Balé e Piano Clara MacFarlane, em homenagem à nossa primeira aluna.

5. *O quebra-nozes*

O empenho pessoal das autoridades, influenciadas pela insistência de suas respectivas esposas, acelerou todos os trâmites necessários para a instalação da escola. Em três semanas, Carlotta tinha em mãos mais matrículas do que poderia comportar.

A formação era completa. Elisabeth ministrava aulas de música e ritmo, indispensáveis para uma bailarina. Carlotta separava algumas horas de ensaio por semana para contar a história do balé clássico no mundo. Levava libretos de alguns balés famosos como *O lago dos cisnes*, *Giselle* e *Copélia* e lia para as alunas, que sonhavam encenar um desses espetáculos.

Carlotta, naturalmente, sonhava com um grande espetáculo no palco do teatro, mas sua experiência era suficiente para saber que as jovens bailarinas estavam apenas começando e não estavam preparadas para uma apresentação pública de grande porte.

Ainda seriam necessários cerca de quatro ou cinco anos de trabalho com o grupo, além de outras providências, como identificação de profissionais para cuidar do cenário, figurino, músicos de orquestra etc. Era preciso ter paciência.

Elisabeth passava o dia inteiro no teatro. Quando não estava trabalhando na escola de balé, ocupava-se com seus alunos e alunas de piano. Aluno, na verdade, ela só tinha um: Gabriel, que havia sentado ao piano por mero acaso e se tornara um pianista brilhante.

O pai dele, o dr. Augusto Arruda, era um médico dos mais respeitados em Fortaleza. O fato de ser excelente clínico geral, capaz de diagnosticar e curar doenças com duas dúzias de perguntas e um exame exageradamente detalhado, fazia com que os pacientes suportassem seus modos no trato pessoal. Sem meias palavras, era um homem grosseiro, frio, que se ocupava da doença, sem demonstrar a menor afeição para com seus doentes.

Era com a mesma frieza e rigidez que o respeitado médico tratava a esposa, a sra. Angélica Arruda, e o filho único, Gabriel, cujo destino havia traçado logo que diagnosticara a gravidez da mulher.

Nos planos do dr. Augusto Arruda, o filho seria médico, estudaria na Europa e então voltaria a Fortaleza. Herdaria a clínica do pai, instalada em uma casa antiga, com móveis de ferro, frios e desconfortáveis. Com alguns anos de experiência, certamente se tornaria um diretor de hospital no Ceará e seria aposentado e enterrado com honras de chefe de Estado. Era mais que um objetivo de vida. Parecia uma obsessão. O dr. Augusto era capaz de qualquer coisa para que o plano se realizasse da forma que imaginara, sem admitir nenhuma alteração.

Ainda que ele trabalhasse incansavelmente, atendendo pessoas que viajavam quilômetros e pagavam qualquer preço por uma consulta sua, a

família Arruda levava uma vida modestíssima. Tinham o básico, nem um palito a mais. O resto do dinheiro era guardado para os estudos de Gabriel.

Apesar de tanto controle sobre o curso de seu destino, não havia o mais leve esboço desses planos no coração de Gabriel. No entanto, era insano sequer pensar em questioná-los. Por isso, ele obedecia.

Quando soube da presença de uma escocesa poliglota na cidade, o dr. Augusto Arruda foi procurá-la e disse, sem maiores rodeios, que gostaria que o filho tivesse aulas de inglês e francês com ela, já com vistas a prepará-lo para a vida na Europa. A conversa foi rápida. Elisabeth acertou o preço e o local das aulas: o teatro, obviamente. A princípio, o médico discordou. O teatro não era um ambiente propício para um curso sério.

— Arte é só distração — disse ele. — E os grandes homens nunca se distraem.

Elisabeth foi firme. Se não fosse no teatro, não haveria aulas. E o médico teve de concordar.

Após preparar o curso de inglês, Elisabeth recebeu o aluno por consideração à mãe do garoto, Angélica, que comparecera ao primeiro chá e, se não pudera ajudar de forma efetiva na instalação da escola, fora uma das que mais manifestaram uma felicidade sincera. Elisabeth percebia em Angélica a rara capacidade de ficar feliz com o sucesso dos outros, mesmo quando a própria vida carecia de cor. Isso despertava na professora a esperança de que Gabriel tivesse herdado o temperamento da mãe. Felizmente, sua intuição estava correta.

Gabriel era um aluno exemplar, dedicado e muito inteligente. E, muito antes do esperado, demonstrou condições para ler textos maiores. Foi

então que Elisabeth decidiu incluir algumas aulas de literatura inglesa em seu curso.

Os dois passavam duas horas juntos diariamente. Elisabeth emprestou a ele os romances preferidos de sua biblioteca particular. Eles liam Jane Austen, Charles Dickens, algumas obras de Shakespeare, Robert Browning e sua esposa, Elizabeth Browning. Em conversas sobre os personagens e seus caminhos, a professora percebeu que Gabriel era rico em imaginação e espírito, bondade e inteligência, sensibilidade e talento.

Foi a influência dos personagens pianistas que levou Gabriel a brincar com as teclas pela primeira vez. Os dedos longos e ágeis aprenderam facilmente as primeiras músicas curtas que Elisabeth ensinou. Ele tinha receio de continuar as aulas. Seu pai jamais admitiria que o filho desviasse uma hora de sua rotina para estudar música. Isso foi dito claramente durante um almoço em família, quando Gabriel mencionou o quanto gostava de ouvir Elisabeth tocar. Sem desconfiar do interesse do filho, o dr. Augusto Arruda deixou claro, com duas ou três frases ásperas, o quanto considerava inútil qualquer tipo de arte.

Dessa forma, as aulas de piano de Gabriel eram um segredo que poucos conheciam e que não poderia, de forma alguma, chegar aos ouvidos do dr. Augusto Arruda.

Enquanto o melhor pianista não podia nem queria aparecer, as alunas da escola, incentivadas por suas famílias, reclamavam da falta de espetáculos públicos para que pudessem exibir o que estavam aprendendo.

Carlotta desejava que a primeira montagem de sua companhia fosse *O quebra-nozes*. Pelos seus cálculos, o grupo ainda levaria alguns anos para

estar pronto, mas, diante dessa pressão, decidiu iniciar os ensaios. Sua primeira providência foi ler o conto original do escritor alemão E. T. A. Hoffmann para que todos conhecessem a história. Depois, começou a pensar na divisão dos grupos.

O papel principal, obviamente, seria de Clara, que levava o mesmo nome da protagonista. Com uma dedicação tão perfeccionista como a de sua tia, ela não se cansava de ensaiar e superar suas limitações. Era uma bailarina completa. Dançava com graça, leveza e perfeição nos movimentos. Melhorava a cada dia.

Quando começaram os ensaios para *O quebra-nozes*, Elisabeth precisou se afastar por uma semana da escola devido a uma forte gripe. Clara e Carlotta não queriam parar. Elas entendiam que uma semana sem ensaios com música era um hiato grave para uma bailarina. Elisabeth identificava o exagero, mas não queria desagradar a filha e a neta. A única solução seria pedir a Gabriel para tocar em seu lugar naquela semana. Mesmo temeroso, ele aceitou. Mas com a condição de que o mais absoluto segredo fosse mantido.

Os dois se posicionaram cada um em seu lugar. Carlotta perguntou se Gabriel já conseguia tocar a música do pas de deux de *O quebra-nozes* e ele respondeu que sim. Era uma peça dificílima, mas ele estava ensaiando a pedido de Elisabeth, mesmo sabendo que o pai nunca permitiria que ele se apresentasse em público.

Por falta de um bailarino na companhia, Carlotta faria o papel do príncipe e ensaiaria com Clara naquela tarde.

Gabriel estava ao piano quando Clara entrou no foyer. Eles ainda não se conheciam, porque os dias e horários de aula nunca haviam coincidido até então. Se alguma vez se encontraram pelo teatro ou pela cidade, não se reconheceram. Ela vivia pensando na dança. Ele, no piano, ou em como disfarçar o estudo forjado de inglês.

Apesar de todos os romances, de todas as histórias de amor que conhecera nos livros de Elisabeth, Gabriel não imaginava como a paixão poderia ser arrebatadora até o momento em que Clara começou a dançar. Ele não podia tirar os olhos da partitura, mas em seu campo visual aparecia um anjo, de pele perfeita, sorriso gracioso, leveza em todos os movimentos. De tanto desejo de olhar, Gabriel errou muitas vezes a música.

Clara, por sua vez, entendeu o que sua personagem no balé sentiu ao ver pela primeira vez o boneco quebra- -nozes transformado em príncipe. Deslumbramento, susto, medo, encanto. Amor.

Terminou a dança. Os dois não tiveram tempo nem coragem de conversar. Carlotta encerrou o ensaio rapidamente a pedido de Elisabeth, para que Gabriel fosse logo embora e seu pai não suspeitasse de qualquer demora.

Nenhuma palavra. Só música e dança, pausa e silêncio. Ao som de Tchaikóvski, Clara e Gabriel se descobriram inevitavelmente apaixonados, sem a menor ideia da dimensão que esse amor teria em suas vidas.

6. O letreiro

GABRIEL ::

Quando eu tocava para Clara dançar, a música soava mais bonita. Era mágico. Os movimentos dos seus pés, do corpo inteiro, a postura daquela bailarina eram o que dava sentido a cada nota. A música existia no mundo unicamente para fazer Clara dançar.

Eu poderia ficar horas e horas tocando sem cansar os braços, se ela estivesse ali, na minha frente. A música era nossa única forma de comunicação e cada minuto valia muito para nós. Tínhamos pouco tempo. Os ensaios duravam no máximo uma hora, duas vezes por semana.

A princípio eu não entendia o que estava acontecendo. Era muito jovem quando conheci Clara e nunca havia sido prevenido sobre os efeitos da paixão.

Por muito tempo não tive coragem de chegar perto dela em outro momento além do ensaio. O que eu diria? Vez ou outra conseguia perguntar alguma coisa boba, sobre onde estava dona Elisabeth ou se haveria aula no dia seguinte, nada mais. Ela, muito tímida, não dava o menor sinal de que desejava prolongar a conversa. Ficávamos ali, encerrados em oito ou dez palavras a cada encontro. Eu pegava cada

palavra que ela dizia e guardava em um estojo de veludo na minha memória. Decorava o tom, o som, o jeito de falar. Sua voz era uma música que nenhum instrumento era capaz de reproduzir. Eu, apaixonado, tentava imaginar milhões de significados por trás de qualquer coisa que ela dissesse.

De alguma forma inexplicável, eu sabia o que se passava em seu coração. Percebia pelos gestos e pelo olhar de Clara como estava seu estado de espírito naquele dia. Se quisesse alegrá-la, bastava sugerir uma música do seu agrado para o ensaio, ou tocar algumas notas de Mozart durante os intervalos. Ela adorava Mozart! E eu, eu adorava ganhar um sorriso de canto de boca, quase imperceptível, mas que acendia meu coração.

Fazendo as contas, foram mais de cinco anos assim, conversando pela música, com a música, por causa da música. E entre nós o amor crescendo praticamente em silêncio. Porque não havia outra forma de viver aquela paixão naquele momento.

Meu maior medo era de que meu pai descobrisse as aulas de piano. Isso acabaria com tudo. Se meu inglês fluía cada vez melhor, era mérito dos olhos de Clara. Por eles eu estudaria horas seguidas para não correr o menor risco de deixar de vê-la. Percebendo o progresso, meu pai não pensaria em suspender as aulas com dona Elisabeth. Vez ou outra ele recebia convidados estrangeiros, o que não era costume, pois meu pai detestava receber pessoas em casa. Ele só fazia isso para me testar. Felizmente, sempre tive sorte e consegui me sair bem nas conversas.

Era questão de tempo. Quando chegasse a idade, eu iria embora. E isso me deixava desesperado. Estudar na Europa não era um plano meu; era o sonho do meu pai, que recebi de herança e agora precisava realizar, para ele e por ele. Minha felicidade estava nas teclas do piano e nos braços de Clara.

O progresso no inglês também era um perigo. Meu pai chegou a dizer que talvez suspendesse as aulas. Contei a dona Elisabeth e ela me perguntou se eu não gostaria de aprender francês. Claro que sim! Naquele momento gostaria de qualquer coisa que me prometesse alguns momentos a mais perto de Clara. Persuadido por dona Elisabeth, que ressaltou as inúmeras possibilidades de estudos complementares de medicina na França, meu pai incluiu as aulas de francês no meu cardápio de felicidade. Assim pude preencher a semana e passei a ir ao teatro todas as tardes.

Desde os nossos doze anos de idade, eu via Clara diariamente. Ano após ano, ela mudava. Sua beleza de anjo deu lugar a um corpo de deusa. Cresceu. Crescemos juntos. Era linda, sempre linda, todos os dias e cada vez mais.

Depois de anos de amor em silêncio, a música já não bastava como meio de comunicação. Precisávamos conversar. Eu precisava ter certeza de que ela dizia o que eu pensava que dizia a cada olhar. Seu sorriso tímido me achava mesmo bonito? Seu olhar carinhoso pedia mesmo que eu não fosse embora? Ela gostava mesmo de mim?

Falar, diretamente, eu não teria coragem. Se nosso amor dependesse disso, estaria condenado a nunca acontecer além dos nossos pensamentos,

e isso eu não poderia suportar. Porque eu sonhava, todos os dias, com o que aconteceria quando tudo aquilo que vivíamos há tantos anos fosse transformado em palavras. Palavras! Ora, era isso! As palavras não poderiam ser faladas, mas por que eu não as escrevia? Por que nunca entregara a ela uma das longas cartas onde depositava minhas noites sem sono?

Tive essa ideia em uma das primeiras manhãs de junho. Em mais alguns dias Clara completaria quinze anos, a ocasião ideal para receber a certeza do meu amor de presente.

Escrevi um bilhete com uma proposta arriscada: pedi que ela fosse à letra C do grande letreiro com o nome do teatro, junto aos vitrais coloridos, às seis em ponto. Vi quando Clara atravessou a passarela de ferro entre o foyer e a sala de espetáculos. E vi seu rosto, colorido e espantado, quando retirou a carta que deixei junto à letra.

No dia seguinte, fui eu que achei um bilhete entre as teclas do piano. Clara me pedia que fosse à primeira letra A, e lá estava sua carta.

Brincamos de carta no letreiro por muito tempo sem que ninguém desconfiasse. Não precisávamos mais anunciar que havia uma mensagem: já sabíamos que todos os dias, às seis da tarde, a resposta do dia anterior estaria em uma das letras.

Eu sabia exatamente sua rota. Ela subia pela escada esquerda, pegava o bilhete e descia pela direita. Houve uma tarde em que a esperei escondido no segundo lance de escada do lado direito, por onde ela passou correndo e, sem esperar, encontrou meu abraço no meio do caminho. Não era preciso dizer mais nada, porque já sabíamos o que precisávamos saber —

agora tudo o que eu queria era ter aquele sorriso para mim dentro de um beijo. Rápido, secreto, escondido. O primeiro beijo do nosso amor.

Não há um só lugar daquele teatro que não tenha nossa marca. Cada rosto pintado ou esculpido no teto, nos detalhes de ferro, cada um era testemunha de nosso amor secreto. Buscávamos esconderijos para deixar bilhetes, ou para uma conversa rápida e feliz.

Um dia, encorajado pelas estrelas, decidi fazer o que minha timidez nunca permitira: beijei os lábios de Clara pela primeira vez. Repetidas vezes. Seu rosto, suas mãos, seus olhos. Cobri Clara de beijos, que ela aceitou, feliz como sempre, confirmando o amor que seus olhos nunca esconderam.

Quando tínhamos um pouco mais de tempo para conversar, brincávamos de imaginar que nos casaríamos ali mesmo, no palco. Ela entraria pela plateia, de branco, e eu estaria no palco tocando piano. O padre e o juiz confirmariam o que nós dois já sabíamos desde sempre: seríamos felizes para sempre.

O teatro era nosso castelo e Clara era minha rainha. Toda a nossa juventude aconteceu ali.

Houve um dia em que subimos no terraço do foyer para ver a cidade anoitecendo. Ficamos tanto tempo lá em cima que perdemos a noção das horas. Era lindo ver as copas das árvores do alto, o coreto da praça. Clara gostava de fazer de conta que conversava com as estátuas das damas que ficavam ali. Ela dizia que, depois da meia-noite, elas sairiam do lugar e passeariam um pouco. Ou deitariam para descansar, quem sabe? Não devia ser fácil passar o dia em pé.

Dentro de Clara existia uma fonte de alegria que nunca secava. De seu sorriso sempre escapava uma piada, uma brincadeira ou uma forma feliz de ver o mundo. Ela me dava a chance de sorrir e perceber que a vida podia ser alegre. Os dias de Clara eram uma sucessão de pequenas felicidades, uma depois da outra, de manhã, à tarde e à noite, e eu fui aprendendo a ser assim.

Aquele dia, no foyer, foi um dos mais lindos da minha vida com Clara. Fomos inocentes ao nos expor tanto. Mas jamais imaginamos que seria o começo do fim.

Brincamos, dançamos e falamos de amor enquanto a noite chegava aos poucos e cobria o mundo com seu manto escuro.

Já o nosso amor, apesar de tudo, nunca anoitecia. Ter Clara nos braços era luz permanente no meu coração. Clara era meu sol. Sempre foi. Sempre será.

7. Remédio amargo

Já eram mais de cinco horas quando o dr. Augusto Arruda concluiu o exame da última paciente da tarde. A mulher, muito preocupada, sentou na cadeira fria do consultório esperando a palavra final do médico. O diagnóstico foi rápido e preciso:

— Hepatite.

— É grave, doutor?

— Se não se cuidar, morre. Se fizer o que eu digo, ficará boa em alguns meses.

Direto. Ríspido e sem rodeios, o doutor prescreveu a receita da paciente, com todas as indicações do tratamento detalhadas, enquanto ela olhava ao redor assustadíssima, com medo de perguntar qualquer coisa. Ele detestava que houvesse dúvidas. Contrariando a fama dos médicos de escrever prescrições indecifráveis, sua letra era impecável e não deixava a menor margem para questões.

Dr. Augusto se despediu da paciente, fechou o consultório, pegou a pasta e voltou caminhando para sua residência. Raramente ele mudava de rota. Aquele foi um dos raros dias. No meio do trajeto, resolveu passar em

frente ao teatro, fazer o pagamento de Elisabeth e voltar com Gabriel para jantar em casa e conversar sobre sua possível viagem ao Rio de Janeiro. Talvez fosse o momento de fazer uma visita às faculdades fluminenses, conhecer doutores, ganhar alguma experiência que o preparasse para a vida na Europa.

Enquanto andava pelas alamedas da praça, sem dar a menor atenção às espécies de flores e plantas ao seu redor, dr. Augusto observou um movimento no terraço do teatro. Eram duas pessoas. Um casal. E o rapaz parecia muito com alguém que ele conhecia.

— Não pode ser!

Dr. Augusto avistou Gabriel no alto do terraço com uma moça vestida de bailarina. Era seu filho sorrindo. Ele não se lembrava da última vez que vira Gabriel sorrir.

Poderia ter pensado em muitas coisas naquele momento. Poderia ter se perguntado por que Gabriel parecia tão feliz. Ou por que ele mesmo, sempre tão sério e preocupado, não sorria mais.

Infelizmente o pensamento do dr. Augusto Arruda tomou outro rumo. Sem flores, sem sorrisos. A única coisa que pôde enxergar naquela cena foi um grave perigo para seus planos, traçados no berço de Gabriel.

Para ele, a única necessidade do filho na vida era concentração nos estudos. Faltavam alguns anos para a ida à Europa — não havia tempo para dispersões. Cada centavo de seu trabalho estava destinado a isso. Não seria uma moça com roupa de bailarina que destruiria seus sonhos. Quanto aos sonhos de Gabriel, ele nunca se deu o trabalho de conhecer.

O médico entrou furioso no teatro. Pisou forte na escada de ferro que dava acesso ao foyer e chegou exatamente quando Gabriel e Clara desciam do terraço.

— Vamos para casa!

Foi a única coisa que disse.

Clara assistiu à cena assustada. Pensou em falar algo, mas não imaginava o que dizer. Ela sabia que Gabriel fazia aulas de piano escondido e que não era muito fácil lidar com o pai. Pelos comentários de Elisabeth, sabia que ele não era simpático. Mas nem ela nem Gabriel tinham a menor ideia do que aconteceria a partir dali.

O caminho para casa foi feito em silêncio. Dr. Augusto não disse uma só palavra. Gabriel não ousava perguntar.

O coração materno de dona Angélica percebeu algo errado, mas o marido não respondeu às suas perguntas. Foi Gabriel quem contou o que aconteceu, abriu o coração para a mãe, falou de Clara, do piano e de como seus sonhos não cabiam nos planos que seu pai havia traçado.

Dr. Augusto escutou a conversa e pronunciou uma única frase:

— Você está proibido de colocar os pés naquele maldito teatro!

Angélica temeu por todos. Conhecia o marido o suficiente para saber até onde poderia ir com sua determinação. E agora reconhecia no filho um jovem disposto a tomar a vida nas mãos, mesmo que custasse muito caro.

Obviamente, Angélica já sabia de tudo. Aos poucos, a amizade com Elisabeth se tornara mais estreita. Gabriel não imaginava quantas vezes sua mãe evitara que as aulas de piano e o romance com Clara fossem descobertos. Mas agora não tinha mais jeito.

No dia seguinte muito cedo, dr. Augusto avisou à atendente de seu consultório, a fiel Marilourdes, que só começaria a receber os pacientes uma hora mais tarde e que gostaria de conversar com ela sobre um assunto de extrema gravidade.

Dr. Augusto sabia exatamente com quem estava lidando. Marilourdes trabalhava para ele havia mais de vinte anos. Era cegamente leal, suportava em silêncio sua frieza e desrespeito e não ousaria, jamais, negar qualquer pedido do chefe. Ela se sentia honrada por trabalhar com o médico mais importante da cidade. Esse sentimento era o grande troféu de sua vida, que ela exibia com orgulho, devolvendo aos vizinhos a rispidez que recebia do patrão naqueles vinte anos.

As instruções foram claras e precisas: Marilourdes precisava descobrir tudo sobre a moça vestida de bailarina que estava com Gabriel. Nome, família, tudo. Ele precisava saber o que acontecia entre os dois, desde quando se conheciam e qual era o grau de compromisso daquela relação.

A eficiente Marilourdes tinha muita sorte. Seu irmão, Josias, trabalhava como zelador do teatro e não demorou mais que dois dias para obter todas as respostas. Foi assim que dr. Augusto soube que Gabriel e Clara viviam um amor antigo. Seu desinteresse pela vida do filho deixara o médico totalmente cego, a ponto de não enxergar uma paixão que já durava dez anos.

A fúria do dr. Augusto aumentava a cada novo detalhe que Marilourdes contava: as aulas de piano, a bênção de Elisabeth. Mas o golpe final veio com a notícia de que um espetáculo estava prestes a estrear e, provavelmente, Gabriel seria o pianista principal.

Na mesma conversa, dr. Augusto pediu a Marilourdes que providenciasse a viagem de Gabriel no primeiro navio que estivesse de saída para o Rio de Janeiro. Pediu ainda que ela entrasse em contato com os parentes para comunicar que Gabriel ficaria na cidade por um tempo e depois iria para a Europa.

O doutor mandou cancelar as consultas, e Marilourdes disse que tinha algo mais a acrescentar. Havia uma informação grave sobre o avô de Clara: suspeitavam que ele estivesse com hanseníase. Seu corpo começara a apresentar feridas e por isso ele decidira morar no porão do teatro, mas isso era segredo. A família temia que o pobre homem fosse banido da cidade e deixava que ele permanecesse lá, às escondidas. Dr. Augusto, a princípio, não deu a menor importância. Seguiu com suas providências: separar Gabriel daquela bailarina era mais urgente que qualquer coisa naquele momento.

8. O palco

A frieza e o silêncio do pai não enganavam Gabriel. Ele temia que algo de muito ruim acontecesse e infelizmente seus temores tinham fundamento.

Clara também não tinha bons pressentimentos. Sua família, que já sabia sobre o envolvimento com Gabriel, obviamente se preocupou junto com ela. Clara já não era uma menina.

Maria Rosa vivia dias de muita angústia. A suspeita de hanseníase do pai era algo grave demais para ela. Era uma situação muito difícil, porque não encontravam uma maneira de obter um diagnóstico preciso. Enquanto isso, esperando uma melhora, ele seguia escondido no porão do teatro.

Parecia uma viagem no tempo. Maria Rosa voltara a levar a comida do pai todos os dias, e via Clara e Gabriel namorando exatamente nos mesmos lugares onde ela namorava Joseph havia mais de vinte anos. A vida dava voltas.

Maria Rosa gostaria que a filha tivesse a mesma sorte no amor. Sua intuição de mãe lhe dizia que Gabriel era o homem certo para Clara. Mas a mesma intuição avisava que as coisas não seriam nada fáceis.

Carlotta, além da preocupação de tia, temia muito por seu espetáculo, que estava cada dia mais próximo. O plano de ter Gabriel como pianista poderia estar em risco. Clara não dançava mais da mesma forma e ela não sabia se chamava sua atenção ou se a consolava.

Se um dos motivos de angústia era a dúvida sobre o que dr. Augusto faria, ao menos isso durou pouco. Da forma mais brusca e fria possível, o pai de Gabriel comunicou ao filho o que estava decidido:

— Amanhã você partirá para o Rio de Janeiro. Ficará na casa de seus tios até agosto do ano que vem, quando partirá para a Inglaterra. Dona Marilourdes já comprou uma mala e roupas novas. Você já está matriculado em um curso de inglês no Rio de Janeiro. O que fará da vida nas próximas horas não me importa. Mas na sexta-feira, às dez da manhã, você estará no mar. Disso eu tenho certeza.

Angélica não podia acreditar que Augusto havia tomado a decisão de afastar Gabriel antes do tempo previsto sem sequer lhe comunicar. Tentou segurar a mão do filho, fazer alguma coisa, mas Gabriel estava descontrolado.

— E se eu não quiser ir, pai? O senhor vai me prender? Vai me bater, me levar amarrado? Pois é só o que falta fazer comigo!

Mantendo a frieza inabalável, dr. Arruda respondeu com olhos fixos no filho:

— Se não quiser ir, Gabriel, denuncio às autoridades competentes a presença de um portador de hanseníase nas dependências do teatro. Imediatamente ele será levado para longe daqui e talvez o tratamento seja cruel demais para que o velho suporte. Certamente o teatro vai ter de

fechar as portas por tempo indeterminado. Nada de aulas de piano ou daqueles rodopios inúteis que as escocesas chamam de arte. Não sei por quanto tempo ficaria fechado. Talvez um ano, ou dois… O suficiente para que aqueles estrangeiros resolvam voltar para o lugar deles.

— Você não teria coragem de fazer isso, Augusto! — disse Angélica, profundamente decepcionada ao descobrir um marido que não conhecia.

Dr. Augusto mostrou uma carta, escrita e assinada por ele, com todos os detalhes do caso.

— Eu não teria coragem é de deixar que meu único filho perdesse a oportunidade de ser um médico formado na Europa para ser um tocador de piano em um teatrinho de província. Vendi todos os imóveis que recebi de herança e trabalhei todos estes anos para dar a ele o que eu não pude ter. Prefiro morrer a ver um filho meu em um palco de teatro como artista.

— A mim, meu pai, o senhor não faria a menor falta.

Gabriel saiu de casa totalmente transtornado e foi direto para o teatro. Era hora de ensaio. Clara, Elisabeth e Carlotta estavam no foyer e ele contou o que acontecera.

O ensaio foi interrompido e Gabriel pediu para ficar a sós com a namorada.

— Clara, eu tenho que ir. Se seu avô for denunciado, ele pode sofrer muito, o teatro vai parar, a escola de balé vai fechar. O espetáculo de Carlotta, meu Deus, está tudo em minhas mãos!

— E nós, Gabriel?

— Eu vou voltar, Clara. Logo que seu avô melhorar, eu volto. A dona Elisabeth não disse que pediu ajuda a médicos do Rio de Janeiro? Isso

pode demorar, mas vai dar certo, sim!

Clara e Gabriel não voltaram para casa naquela noite. As duas famílias sabiam exatamente onde eles estavam e não fizeram nada que pudesse atrapalhar aquela triste despedida. Os dois passaram a noite juntos. Dormiram no palco do teatro, abraçados, fazendo juras de amor e prometendo a vida um ao outro.

Gabriel prometeu escrever uma carta por dia para Clara. Ela riu, pois seria difícil manter a promessa. Então combinaram uma carta por semana. Ele escreveria para o endereço do teatro e colocaria como destinatária a escola de Carlotta. Assim não levantaria a menor suspeita.

Antes da despedida, Gabriel olhou nos olhos de Clara e fez outra promessa:

— Antes do espetáculo, eu estarei aqui. Eu prometo, Clara, que vou fazer de tudo para voltar. Vou trabalhar para comprar as passagens, buscarei informações para curar seu avô. Vou lutar por nós, Clara!

— Você promete mesmo que volta?

— A única certeza que tenho na vida é que vou voltar. Vou tocar o pas de deux de *O quebra-nozes* neste palco para você dançar. Vai ser o dia mais feliz da nossa vida!

Na manhã seguinte, ele partiu.

9. O porão

Gabriel viajou em agosto de 1931. Até a data prometida para o retorno, junho de 1932, Clara viveu os dez meses mais longos de sua vida.

Não foi fácil conviver com a saudade, com a ausência e com a maldade de que fora vítima. Poucos dias depois da partida de Gabriel, ela decidiu, com a ajuda da família, levantar a cabeça e lutar por seu grande sonho: a estreia no palco. No primeiro mês ela ensaiava praticamente o dia todo. Voltava da escola direto para o teatro e ficava ensaiando até oito horas da noite.

Em um desses ensaios, Clara desmaiou. A princípio parecia uma indisposição pelo cansaço, mas os desmaios voltaram a acontecer. Ela não tinha apetite, estava pálida e fraca. Esforçava-se bastante para ensaiar, mas não conseguia. Maria Rosa procurou um médico ou enfermeira para examinar a filha, de preferência alguém que não tivesse qualquer relação com o dr. Augusto Arruda. Seu coração de mãe desconfiava do diagnóstico, que foi dado por um médico de Recife que passava pela cidade na mesma época:

— Ela não tem doença nenhuma. Está grávida.

A felicidade com a notícia encheu o coração de Clara de esperança. Com os cuidados adequados, repouso e alimentação, ela retomou os ensaios de forma mais branda. A gravidez seria mantida em sigilo até quando fosse possível esconder a barriga.

Elisabeth achou por bem chamar Angélica para uma conversa e contar que Clara esperava um filho de Gabriel. A sensação de todos era a mesma: um coração dividido entre uma grande alegria e um medo paralisante. Foi a própria Angélica quem disse:

— Augusto não pode saber sobre essa criança. Ele é capaz de tudo.

Clara queria muito avisar Gabriel, mas nem Angélica sabia seu endereço. Gabriel havia prometido que escreveria e diria para onde ela devia endereçar as cartas, mas algo estranho acontecera.

Nos primeiros meses ela havia recebido três cartas, nas quais ele dizia estar providenciando uma forma segura para que ela lhe enviasse as correspondências sem que os tios desconfiassem. Mas, de repente, não chegou mais nada. Gabriel parou de escrever.

Maria Rosa, Elisabeth e Carlotta temiam que a juventude e os apelos do Rio de Janeiro tivessem modificado os sentimentos do rapaz. Desdobravam-se em cuidados para evitar qualquer coisa que lembrasse a ausência de Gabriel. Era impossível, já que Clara guardava a vida dele dentro de si.

Elisabeth achava que o rapaz podia ter encontrado outra jovem e se apaixonado. Ou pior: o pai poderia ter antecipado a viagem à Europa.

Enquanto a família tentava conviver com o segredo da gravidez e com o sofrimento de Clara, dr. Augusto Arruda continuava mantendo a

vigilância.

Josias, irmão de Marilourdes, era o responsável pela ausência das cartas de Gabriel. Quando a correspondência chegava ao teatro, ele a levava para o doutor. Foi assim que dr. Augusto soube, enfurecido, que Gabriel estava a caminho de Fortaleza novamente, com a intenção de tocar piano em *O quebra-nozes* para Clara dançar.

— Filho meu jamais subirá em um palco como um bobo da corte! Jamais!

Apesar de todas as tentativas, ele não pôde evitar a viagem. Quando a carta chegou às mãos do dr. Arruda, Gabriel já estava no mar, a caminho de Fortaleza.

Clara pressentiu algo e parecia mais animada. Apesar de não poder ensaiar como antes, não descuidava dos exercícios, acompanhava os preparativos, ajudava a decidir figurinos e cenários, mas evitava sair de casa para que não descobrissem a gravidez.

O tempo passou muito rápido e, quando já estava perto dos nove meses de gestação, Clara decidiu que gostaria de ter o bebê no porão do teatro. A família estava dividida. Muitos achavam arriscado e perigoso. Mas não tiveram tempo de chegar a um consenso.

No dia 22 de maio de 1932, Clara disse a Maria Rosa que ia visitar o avô antes de ter o bebê, já que nos meses seguintes talvez não pudesse ir por causa do resguardo.

A mãe percebeu que a filha já estava entrando em trabalho de parto e tomou a decisão de ir ao porão. Arrumou uma bolsa com roupas da criança, toalhas e outras peças de enxoval e levou com ela.

Poucas horas depois de chegar ao porão, exatamente no mesmo lugar onde Clara nascera, Maria Rosa mostrou a luz à sua neta. Aconchegou a criança no seio de Clara, que chorava e sorria ao mesmo tempo e só conseguia dizer uma única palavra:

— Clarice!

Quando chegou em casa para avisar sobre o nascimento da neta, Maria Rosa encontrou Angélica. Muito apressada e nervosa, ela tinha algo importante a avisar:

— Por favor, escondam Clara e a criança. Arruda descobriu que Gabriel está chegando a Fortaleza e está vigiando a casa de vocês. Ele está louco, Maria Rosa! Contratou pessoas para observar o movimento da casa. Aquele homem é capaz de tudo para evitar que Gabriel se case com Clara.

Todos concordaram: Clara e Clarice precisavam continuar no porão no mais absoluto sigilo. Carlotta ordenou que ninguém entrasse lá sem autorização, usando a desculpa de que lá estariam guardados os cenários e figurinos do espetáculo. Um dos camarins também servia como escritório da companhia e guardava muitos documentos importantes.

Clara se recuperou rapidamente e já ensaiava algum tempo por dia com a tia. Joseph, Maria Rosa e Elisabeth também visitavam as duas diariamente. Esperavam a chegada de Gabriel para executar um plano. Os dois precisavam fugir.

Na noite da véspera do espetáculo, Clara colocou Clarice em um bercinho perto da porta de saída do porão, como de costume. Era um lugar mais fresco e menos empoeirado para a filha. Seu avô dormia em um

quarto improvisado nos fundos, mais escondido. E Clara gostava de ficar ensaiando perto do berço da filha, de onde podia escutar seu choro.

Geralmente ensaiava até tarde da noite, mesmo sem música. A melodia de *O quebra-nozes* ela tinha gravada na cabeça e no coração. Naquele dia, encerrou os ensaios mais cedo para descansar. Às nove horas da noite, Clara e Clarice dormiam profundamente.

Josias entrou no porão com passos tão leves que ninguém ouviu. Apalpou o chão, encontrou o lugar onde estava guardado o figurino do espetáculo e jogou querosene em cima, ateando fogo em seguida.

As chamas se espalharam rapidamente por todos os cantos. Josias fechou a porta do último camarim para que Antônio não conseguisse escapar do fogo, por ordem expressa do dr. Augusto.

Mas Antônio não estava ali naquela noite. Quem estava no camarim era Clara e a pequena Clarice. A cortina de fumaça, densa e negra, não permitiu que ela respirasse, impedindo que conseguisse se salvar. Na última página do diário de Maria Rosa havia uma cruz e as palavras mais tristes que ela escrevera na vida:

†

CLARA MACFARLANE — CLARICE MACFARLANE

16.06.1932

Amada filha, amada neta, descansem em paz
e sejam felizes, onde quer que estejam.

3.
ATO

1. O motivo

— Eu nasci aqui. Eu morri aqui.

Foi a única coisa que Clara conseguiu dizer quando terminou de contar e mostrar sua história para Anabela.

Muitas perguntas, agora, tinham resposta. Anabela chorava muito.

— Agora entendi, Clara. Você sofreu tanto que ficou presa aqui, não consegue ir embora…

Clara interrompeu bruscamente:

— Não, Anabela. Não é nada disso! Não estou presa aqui.

— E por que não vai embora? Sempre achei que, quando alguém morre, vai pra um lugar melhor. Você está morta, Clara! Aqui não é o melhor lugar pra você. Sei que deve ser difícil ficar longe deste lugar tão importante na sua vida. Mas, sei lá, talvez em outro lugar você seja mais feliz. Aqui não é mais seu lugar, Clara.

— Não, não é. Eu sei disso. Toda a minha família está me esperando do outro lado, mas eu tenho uma coisa muito importante pra fazer antes de ir. Deveria ter ido embora quando morri, mas pedi pra ficar e resolver o que

preciso. Espero há muito tempo por isso e nunca encontrei ninguém pra me ajudar.

— Até que eu apareci…

— Anabela, você é a primeira pessoa viva que me escuta, que não foge de mim. Tentei muito, com muitas pessoas, mas só consegui assustar. Todas as minhas esperanças agora estão em suas mãos. Preciso muito da sua ajuda.

— Como posso ajudar? O que posso fazer?

— É uma coisa muito simples pra você, e muito importante pra mim e pra outras pessoas. Mas é preciso que confie na minha palavra de olhos fechados. Você confia em mim?

— Confio.

— Então veja: aqui, no final do caderno da minha mãe, por baixo do tecido da contracapa, há uma carta escondida. Tudo o que peço é que vá até a casa do Gabriel e entregue a carta. Depois acompanhe meu amado e o ajude a fazer o que deve ser feito.

— Gabriel, seu namorado? Ele está vivo?

— Está. Velhinho e doente, mas ainda vive.

Antes que Anabela pudesse perguntar qualquer coisa, Clara completou:

— Não posso dizer o que está escrito, Anabela. Se alguém abrir a carta antes, ele não vai acreditar no que está escrito. É uma espécie de acordo, difícil de explicar. Por favor, acredite em mim! A carta precisa ir colada, lacrada do jeito que minha mãe deixou.

Anabela estava assustada, confusa, sem saber o que pensar. Essa conversa longa acontecera no porão empoeirado e o nariz da menina já

dava sinais de alergia. Clara implorou mais uma vez e Anabela disse que não podia ajudar em nada.

— Não posso fazer isso. De jeito nenhum.

Clara se desesperou com a reação inesperada de Anabela.

— Mas por quê? O que é que custa, Anabela? É só ir à casa dele e entregar a carta!

— Sem saber o que está escrito, Clara? E se for uma coisa grave? Ele é idoso, e se passar mal por minha causa? Não quero e não posso me envolver nisso. Não aguento mais essa história, nem sei o que é real. Como é que vou chegar na casa de um homem que nunca vi e dizer que um fantasma me mandou entregar uma carta que nem posso ler?

Clara baixou a cabeça, chorando muito.

— Desta vez eu achei que conseguiria.

Anabela foi embora. Atravessou o teatro com outros olhos, enxergando em cada lugar as histórias de Antônio, Maria Rosa, Joseph, Elisabeth, Carlotta, Gabriel, Clara e Clarice. Ela sentiu pena de Clara. Muita pena. Mas não sabia se podia se envolver tanto assim. Era tudo pesado demais, doloroso demais.

Luciana ainda estava sentada na plateia e já era hora de ir embora.

Na calçada, do lado de fora, Anabela prometeu para si mesma que nunca mais voltaria ali até ter certeza de que não veria o fantasma de Clara MacFarlane. Nunca mais.

2. O piano

De tanto respirar a poeira da reforma, Anabela acabou tendo uma forte crise alérgica. Para ela, a doença veio na hora certa. Por um tempo teria uma desculpa para não voltar ao teatro, sem ter de aborrecer o pai inventando alguma desculpa que talvez magoasse uma pessoa tão querida. Ela não queria, não sabia como contar o que estava acontecendo em sua vida nos últimos dias. Marcelo não precisava de mais uma preocupação.

Luciana fazia companhia a Anabela. Estudavam juntas, conversavam e, de vez em quando, acabavam falando de Clara, assunto que Anabela procurava evitar.

A alergia resistia aos remédios e cuidados. Marcelo levou a filha ao médico, que diagnosticou um princípio de pneumonia e recomendou que ela não voltasse ao teatro antes de dois meses, para que não fosse exposta à poeira e ao cheiro forte das tintas.

A menina se sentiu aliviada. Enfim aquele pesadelo estava encerrado. Um tempo sem ir ao teatro talvez deixasse as coisas mais claras.

Os dois meses estavam por terminar e, quando Anabela já estava quase esquecendo o passado do Theatro José de Alencar, Marcelo chegou em

casa muito nervoso. Remexeu seus papéis, plantas, livros antigos, fotos. Deu telefonemas, falou com inúmeras pessoas e não disfarçava sua angústia. Mal falou com a filha e aparentava um sofrimento muito raro de se notar nele.

Na hora do jantar, Anabela perguntou:

— Pai, aconteceu alguma coisa ruim?

Marcelo passou as mãos no rosto, como se tentasse se recompor para falar.

— Ainda não. Mas pode acontecer. Posso perder uma das maiores descobertas do restauro do teatro. Hoje derrubaram uma parede falsa, por dentro do porão, e encontraram os restos de um Bösendorfer austríaco legítimo.

Ela desconfiou, mas não queria acreditar.

— Bose o quê?

— Bösendorfer, um dos melhores pianos do mundo. Tenho quase certeza de que esse foi o primeiro piano da história do teatro, mas ninguém acredita e não tenho como provar. Li algumas coisas sobre a escola de piano que funcionava lá, mas muitos documentos foram queimados em um incêndio dos anos trinta. Se eu não provar que é legítimo, não vamos ter verba para restauração e o piano vai acabar jogado por aí em algum lugar, como entulho.

Marcelo suspirou e, antes de sair da mesa, disse uma frase que Anabela nunca tinha ouvido ser proferida pelo pai:

— Acho que não vai ter jeito. Sem documentos não vou conseguir.

Isso doeu no coração de Anabela. Marcelo nunca imaginaria que a solução para seu problema estava na sua frente. Anabela era a única pessoa que poderia ajudar… e de uma maneira um bocado difícil de entender.

Desde que seu pai começara a falar, ela teve certeza de que aquele era o piano de Elisabeth, em cujas teclas Gabriel aprendera a tocar. Ele poderia dizer tudo sobre o instrumento. Mas, para chegar a isso, Anabela teria de contar ao pai que conversara com um fantasma, lera um diário que tinha registrado a construção do teatro, vira as relíquias de um baú antigo. Não havia provas de que Gabriel fora aluno de piano, já que ele estudava escondido. Ela precisava vencer a incredulidade do pai. E pior: teria de voltar a procurar Clara e tentar descobrir onde encontrar Gabriel.

Naquela noite ela não dormiu. No meio da madrugada, quando foi buscar um copo de água na cozinha, viu o pai aflito, ainda procurando papéis, provas, fotos, alguma notícia sobre o piano. Ele não ia encontrar. Todo o arquivo da escola de Carlotta havia sido queimado naquele incêndio. Anabela decidiu falar:

— Pai!

Marcelo se voltou para ela assustado:

— Você está bem? Está sentindo alguma coisa, filha?

— Não estou bem porque tenho uma coisa pra contar. Acho que sei como você pode esclarecer tudo sobre o Bösendorfer.

Marcelo não sabia se ria da ingenuidade da menina, se ralhava com ela e a mandava de volta para a cama ou se chamava um médico para saber se era delírio provocado por uma febre. De qualquer forma, Anabela continuou:

— O Bösendorfer foi, sim, o primeiro piano do teatro. Ele pertencia a Elisabeth MacFarlane, esposa do dono da fábrica em Glasgow que construiu e enviou a estrutura de ferro. Ela chegou ao Brasil alguns anos depois da inauguração.

Marcelo estava assustado.

— Bom, isso é verdade: parte da família veio mesmo morar aqui. Mas como você sabe disso? E qual pode ser a relação da família com o piano?

— O senhor promete que vai acreditar em mim?

— Acreditar eu vou, se você tiver como provar, se tiver documentos, algo do tipo. Realmente não faço ideia de como você pode saber disso tudo, mas, bem, eu acredito porque até agora está fazendo sentido.

— Independentemente do que for?

— Eu prometo, sim. Não sei… é… acho que sim.

— Então senta, pai, por favor. Senta e me escuta!

Anabela contou tudo o que acontecera desde a noite em que foram assistir ao espetáculo *Giselle*. Descreveu detalhes sobre a construção do teatro que confirmavam informações incompletas que Marcelo tinha pesquisado. Do incêndio, por exemplo, ele sabia vagamente. O que havia circulado nos jornais da época era que fora uma prevenção do sistema de saúde diante da suspeita de hanseníase de um funcionário do teatro, que imediatamente foi negada por uma junta médica que viera do Rio de Janeiro para apurar o caso e examinar o paciente.

A menina contou tudo, em detalhes. Ele acreditou em Anabela. Obviamente era difícil entender como um espírito poderia ter falado, mas ao mesmo tempo não havia outra forma. Aquelas informações não

estavam em documento nenhum e faziam todo o sentido. Algumas eram as respostas que Marcelo procurava havia anos.

Ao ver o entusiasmo de volta e o brilho nos olhos do pai, Anabela criou coragem e resolveu voltar ao teatro. Os dois decidiram: era hora de encontrar Gabriel.

Anabela chegou lá antes das oito da manhã. Queria ir direto ao porão e falar com Clara sem que ninguém notasse. Dessa vez seu pai foi junto.

Clara estava sentada no chão, aparentando muita tristeza. A chegada de Anabela e Marcelo modificou sua expressão. Da melancolia ao susto.

— O que aconteceu?

— Estou aqui pelo meu pai, Clara. Ele precisa falar com Gabriel.

— Sobre o Bösendorfer? Era o piano da vó Betty, sim. Eu ouvi a discussão. O pessoal do governo acha que seu pai está louco e não acredita que o piano seja tão antigo. Gabriel tem provas. Minha avó deu a ele um livro da empresa fabricante que talvez ainda exista.

Anabela transmitiu o recado ao pai, que não estava vendo ou ouvindo bailarina nenhuma naquele porão empoeirado.

— Filha, pergunta a essa… moça o endereço do pianista, por favor. Isso é muito esquisito…

Anabela foi direto ao assunto:

— Clara, eu disse que não iria, mas voltei atrás. Se você me disser onde mora o Gabriel, entrego sua carta. Mas só vou entregar depois que meu pai conseguir as informações. E prometo que não vou abrir. Está bem assim?

— Perfeito! — disse Clara. — A carta continua no mesmo lugar.

Anabela pegou o baú escondido no porão. Localizou o caderno e, de fato, havia um envelope embaixo da cartolina da contracapa, endereçado a Gabriel e assinado por Maria Rosa.

— Mas não foi escrita por você?

— Não. É uma carta da minha mãe para ele. O endereço é fácil: pergunte a seu pai se ele já ouviu falar no prédio construído onde era a casa do dr. Augusto Arruda.

Anabela perguntou e naturalmente Marcelo sabia. A casa era lindíssima e fora demolida para a construção de um prédio que levava o nome do antigo dono. Era fácil. Mas ele estava gelado, impressionado e ao mesmo tempo tão feliz que não segurou a piada:

— Se eu soubesse que você falava com um fantasma histórico, não teria gastado tanto tempo nas minhas pesquisas.

Até Clara riu. Em breve Gabriel receberia aquela carta que o esperava havia tantos anos, amarelando em um caderno escondido. Graças a Anabela, que não imaginava a inacreditável revelação guardada naquele envelope antigo.

3. A carta, enfim

Quanto poder cabe em um único dia! Em vinte e quatro horas, poucos minutos podem transformar completamente uma vida inteira. Assim seria.

Gabriel já estava com mais de oitenta anos. Morava só, sob os cuidados constantes de uma enfermeira e uma governanta.

Depois da morte de Clara, Gabriel não vira outra opção além de seguir o destino traçado pelo pai, já que seus sonhos haviam sido queimados naquele incêndio. Formara-se em medicina na Europa e lá trabalhara e estudara nos melhores hospitais, tornando-se um neurologista de renome internacional.

Tinha sido um médico respeitado, muito mais do que o pai. Dr. Gabriel fora sempre gentil e educado com cada paciente que passara por seu consultório ou pelos hospitais onde trabalhara ao longo da vida. Não lhe sobrara espaço na vida para mais nada além de estudo e trabalho. Envelhecera só, sem esposa, sem filhos.

Quando os pais morreram, ele não estava no Brasil. Correspondera-se com a mãe enquanto fora possível. Era por intermédio dela que tinha notícias da família de Clara. Por ela ficara sabendo também que

Marilourdes e seu irmão, por ironia do destino, haviam contraído hanseníase. Dr. Augusto havia deixado para o filho, além da herança, um bilhete com uma única frase: “Por favor, me perdoe”.

Ao pai, ele perdoou. Mas nunca perdoou a si mesmo por não ter evitado a morte de Clara e Clarice. Passou a vida imaginando tudo o que poderia ter feito para evitar aquela tragédia. Bastaria ter chegado um dia antes.

Uma vez por mês, Gabriel visitava o túmulo das duas, no jazigo da família MacFarlane. A lembrança do amor de Clara era a réstia de alegria que guardava no peito.

Marcelo não teve dificuldades para chegar ao prédio. Apresentou-se ao porteiro, anunciou a chegada pelo interfone, mas logo recebeu o recado da governanta:

— O dr. Gabriel não precisa dos serviços de nenhum arquiteto.

Ele insistiu. Tentou dizer que se tratava de uma conversa sobre o teatro, que não tinha nada a ver com serviços de arquitetura, mas não adiantou nada. Eles não conseguiriam entrar.

Vendo a aflição da menina e do pai, o porteiro deu uma sugestão:

— Se o senhor quiser, posso pedir ao zelador para entregar sua encomenda junto com as cartas do dr. Gabriel.

— Não, eu preciso entregar pessoalmente! — disse Anabela.

Marcelo teve uma ideia:

— E se você mandar um bilhete?

Anabela não titubeou. Tirou um papelzinho da bolsa e escreveu com uma de suas canetas cor-de-rosa e cheia de brilhos:

Senhor Gabriel Arruda,

Tenho em minhas mãos uma carta escrita por Maria Rosa MacFarlane endereçada ao senhor. A pessoa que me pediu para vir até aqui me disse que, caso o senhor não acreditasse, eu deveria dizer que ela sente muitas saudades de deixar cartas na letra A do letreiro do Theatro José de Alencar.

Atenciosamente,

Anabela

Em cinco minutos, Marcelo e Anabela estavam na sala de Gabriel, sentados à sua frente. A governanta fazia cara de poucos amigos.

— Isso é algum tipo de brincadeira? — ela perguntou em tom ameaçador.

Gabriel pediu a ela que os deixasse a sós e se dirigiu a Anabela, com uma expressão incrédula e ansiosa ao mesmo tempo.

— Então você tem uma carta pra mim?

— Tenho, sim, senhor.

— Onde está?

Anabela entregou o envelope com o nome dele.

— Infelizmente não enxergo muito bem. Você poderia ler para mim?

— Posso, mas antes o senhor precisa abrir. É uma ordem expressa da Cla… de quem me mandou entregar.

Gabriel estava confuso, incrédulo e quase aborrecido. Mas abriu a carta e a devolveu a Anabela, que começou a ler.

Querido Gabriel!

Enquanto escrevo, só peço a Deus que esta carta não chegue às suas mãos tarde demais. Depois do enterro de Clara, não tivemos tempo de conversar e por isso você viajou sem saber a verdade sobre o incêndio do porão.

Naquele dia, Angélica nos contou que ouviu uma conversa do dr. Augusto com Josias, os dois planejando algo contra Clara. Fui correndo até o teatro, mas o fogo já havia tomado conta do camarim e eu não pude salvá-la. Mas salvei Clarice.

Sua filha está viva. Forjei a morte dela para protegê-la da fúria de seu pai.

Esta carta foi selada antes que qualquer pessoa a tivesse lido. Ninguém mais sabe a verdade. Ninguém, além de mim, poderia lhe dar esta notícia.

Procure por ela, Gabriel. O endereço segue logo abaixo. Certamente Clarice não acreditará na história, mas pergunte se tem uma marca de queimadura no pé direito. Depois peça que quebre o fundo da imagem de são Genésio que sua mãe adotiva guardava em casa. Lá ela encontrará o que precisa para acreditar. E que vocês sejam felizes!

Com amor,

Maria Rosa

Gabriel não podia mais duvidar. Anabela e Marcelo se ofereceram para ir à procura de Clarice e perguntaram se ele gostaria de ir.

— Imediatamente!

A governanta, cada vez mais assustada, tentava perguntar ao doutor por que ele queria sair àquela hora do dia, antes de almoçar. Lembrou o horário dos remédios, da fisioterapia, mas Gabriel já estava na porta de casa.

Depois de algumas tentativas, por fim localizaram a casa de Clarice a partir das informações de vizinhos e do endereço antigo que Maria Rosa indicara.

Era sábado e, por sorte, ela estava em casa. Clarice era uma mulher de quase sessenta anos. Alta, magra e elegante como a mãe, simpática e sóbria como o pai. Seus traços lembravam muito a família MacFarlane, especialmente os olhos muito vivos e inteligentes. Sua casa era bonita e bem decorada, com um canto especial para a música. Clarice tocava violino e chegara a fazer parte de orquestras quando estudara fora do Brasil. Agora, tocar era apenas um passatempo que lhe proporcionava muita paz.

Dr. Gabriel se apresentou e ela reconheceu o visitante como colega de profissão. Clarice era médica pediatra e conhecia muito bem a fama e reputação daquele senhor.

Completamente atônita com a visita inusitada, convidou os três a entrar. Acomodou todos com muita gentileza, ofereceu água e esperou que

alguém começasse a explicar o que estava acontecendo.

Gabriel tentou falar, mas não conseguiu. Marcelo, muito menos. Então Anabela tomou a iniciativa de começar pelo final e da forma mais direta possível.

— Dona Clarice, a senhora tem alguma marca de queimadura no pé direito?

Clarice, completamente confusa, confirmou que tinha a marca e nunca soubera a origem.

— E a senhora possui alguma imagem de São Genésio? — Anabela voltou a perguntar.

— Isso tudo é muito estranho! — disse ela, firme. — Sim, eu tenho. Ganhei de uma prima distante da minha mãe e ela pediu que eu guardasse para sempre. Está na garagem. Mas o que está acontecendo aqui?

Agora era Anabela que não conseguia mais falar e achou melhor entregar a carta de Maria Rosa para Clarice. Ela leu e imediatamente correu para buscar a imagem. Abriu o fundo de gesso e, de fato, ali estavam provas incontestáveis da história que acabara de ouvir: fotos de Clara com a pequena filha, algumas cartas e recortes de jornal contando a tragédia do incêndio no teatro. Os quatro conversaram por muito tempo e cada um contou o que sabia da história.

A única coisa que Clarice fez depois de ler e ver tudo o que estava no corpo do santo foi se aproximar de Gabriel, tomar suas mãos e beijá-las com respeito.

— Preciso de um tempo para acreditar nisso tudo, para encontrar as respostas e me acostumar. Mas se for verdade, dr. Gabriel, terei muito

orgulho de saber que tenho um pai como o senhor.

Antônio, filho de Clarice, chegou em casa nesse exato momento. Anabela não pôde deixar de reparar: era um rapaz muito bonito. Ele também notou a beleza de Anabela, assim como percebeu que havia algo de estranho no ar.

— Está tudo bem, mãe? — perguntou, preocupado.

— Está tão bem, meu filho, que você acaba de ganhar um avô!

4. Clara luz

Enfim a reforma do Theatro José de Alencar foi concluída e, para comemorar, o governo do Estado preparou uma belíssima festa de reinauguração. Era 17 de dezembro de 1990. O teatro reformado reapareceu como um presente de Natal para o povo de Fortaleza.

Autoridades do Brasil inteiro foram prestigiar o evento. Herdeiros da família MacFarlane que moravam na Escócia também estiveram presentes, assegurando que aquele teatro era a obra mais bonita entre as centenas de estruturas de ferro feitas pela MacFarlane & Co. espalhadas pelo mundo.

Marcelo estava realizado. O trabalho saíra exatamente como gostaria. Até melhor, graças às surpresas que sua filha lhe proporcionara. Sem a ajuda de Anabela, ele nunca teria esclarecido alguns momentos da história do passado do teatro que o tempo havia apagado.

A pesquisa minuciosa garantiu que o público entrasse no mesmo Theatro José de Alencar que fora inaugurado em 17 de junho de 1910. Algumas coisas foram modificadas, por exigência do progresso. O sistema de som e iluminação agora era um dos mais modernos do país. Uma cortina de vidro

fora cuidadosamente montada ao redor da sala de espetáculos. Com a construção de tantos prédios, Fortaleza não era mais a cidade ventilada de outros tempos. O porão fora limpo e reformado. Clarice devolveu a imagem de São Genésio, que foi restaurada e instalada no lugar original.

Anabela e Luciana, que não perdiam uma festa, estavam lindíssimas com seus vestidos novos. Elas faziam parte daquela reforma, muito mais do que se podia imaginar.

Já perto das sete e meia, hora marcada para o início dos discursos, Gabriel chegou ao teatro de braços dados com Clarice. Sua saúde estava renovada. Ele parecia um homem mais forte e feliz do que aquele senhor cabisbaixo a quem Anabela entregara o envelope amarelado que mudara sua vida.

Marcelo encaminhou os dois para as cadeiras reservadas na primeira fila. Para ele, Gabriel e Clarice eram os convidados mais importantes da noite.

Começaram os discursos. Seguindo os protocolos oficiais do governo do Estado, uma dezena de autoridades tomou conta do microfone, cada um falando de sua participação no sucesso da reforma, até que chegou a vez de Marcelo falar.

Tímido e emocionado, o arquiteto verdadeiramente responsável pelo êxito inacreditável do restauro do Theatro José de Alencar pegou o microfone.

— Depois de tanto trabalho, esforço, dedicação, cansaço e empenho, a única coisa que posso fazer hoje é dizer obrigado a cada uma das pessoas que colaboraram com a reforma desta casa. Para não correr o risco de esquecer ninguém, fiz uma lista.

A plateia não conseguiu conter o riso quando Marcelo tirou algumas folhas de papel dobradas de dentro do bolso do paletó. Ele esperou que o silêncio voltasse e começou a ler o nome de todos os funcionários — pedreiros, marceneiros, pintores, restauradores, pesquisadores, fotógrafos, historiadores — e de cada pessoa que passara por ali e contribuíra de alguma forma, incluindo Anabela, Luciana e Clara MacFarlane.

O público aplaudiu demoradamente, mas Marcelo não saiu do palco.

— Senhoras e senhores, a grande surpresa da noite ainda está por vir. Tenho grande orgulho de comunicar que, durante a reforma, encontramos uma joia preciosa da história deste teatro. Um piano austríaco, da marca Bösendorfer, que pertenceu a Elisabeth MacFarlane, primeira professora de piano do Theatro José de Alencar.

Nesse momento, foi aberta uma segunda cortina, atrás de Marcelo. Lá estava o piano restaurado, recuperado e afinado.

— A confirmação da autenticidade desta peça, bem como a orientação para que pudéssemos deixá-lo exatamente como era quando chegou ao porto de Fortaleza, só foi possível com a ajuda do primeiro pianista deste teatro. Tenho a honra de chamar ao palco o dr. Gabriel Arruda.

Se os anos lhe pesavam nas costas, a felicidade conferia asas àquele velho homem, agora tão cheio de alegria. Gabriel subiu auxiliado por Marcelo e Clarice. Quando colocou os pés no palco, lembrou a noite em que dormira ali com Clara e em que haviam entregado o coração um ao outro, concebendo outra vida: a de Clarice, finalmente a seu lado.

Emocionado, Marcelo perguntou a Gabriel se ele gostaria de falar alguma coisa sobre aquele momento.

— Toco muito melhor do que falo, por isso serei breve. Mas gostaria que vocês soubessem, principalmente você, Anabela, que, assim como este teatro voltou a ser belo como foi no início, eu voltei a ser feliz como fui um dia.

Gabriel se dirigiu ao piano. Um contrarregra entrou no palco e entregou um violino a Clarice, que anunciou ao microfone:

— Eu e meu pai vamos tocar o pas de deux do balé *O quebra-nozes*, de Tchaikóvski.

Enquanto pousava os dedos nas teclas do piano, Gabriel se lembrou de que nunca havia tocado essa música sem a presença de Clara. Tchaikóvski que o perdoasse, mas aquelas notas perfeitamente reunidas eram só dela.

Naquele dia não foi diferente. Uma brisa fria tocou o rosto de Gabriel quando ela entrou no palco. Sim, ele podia ver seu inesquecível amor. Clara dançava com a mesma perfeição de sempre. E ele tocava ainda melhor.

Só quem já ouviu essa música com o coração alguma vez na vida pode fazer ideia da emoção que invadiu o Theatro José de Alencar naquela noite. Mas só quem já se apaixonou pode entender o que aconteceu no coração de Clara quando entrou no palco dançando o pas de deux e voltou a ver Gabriel, seu grande amor, seu doce e eterno amor.

O público aplaudiu de pé, sem imaginar que o espetáculo estava além do que eles podiam ver ou até mesmo imaginar.

Clarice beijou o pai e cochichou em seu ouvido:

— Eu estou vendo minha mãe dançando. O senhor também vê?

Gabriel concordou com a cabeça, sem tirar os olhos de sua bela Clara.

Apesar de saber que a única pessoa que podia vê-la da plateia era Anabela, Clara se inclinou para agradecer os aplausos do público.

A bailarina levou as duas mãos à boca, enviou pelo vento um beijo para cada um e partiu.

“Um breve instante de amor apaga uma eternidade de tristezas”, pensou Gabriel.

5. Das coisas infinitas

A festa de reinauguração do teatro foi o fim de uma fase intensa e o início de uma vida nova para Marcelo e Anabela. O secretário da Cultura de São Paulo, impressionado com a perfeição da reforma do Theatro José de Alencar, visitou Fortaleza exclusivamente para entregar um convite: o governo do Estado gostaria que Marcelo coordenasse a reforma do Teatro Municipal de São Paulo.

Ele não pensou duas vezes. Aceitou, entusiasmado e assustado com o desafio. O trabalho começaria em duas semanas e duraria mais de dois anos. Marcelo e Anabela precisariam mudar de cidade em poucos dias.

Luciana ficou triste e feliz ao mesmo tempo. A primeira providência das duas amigas, depois de chorarem abraçadas, foi sonhar com uma viagem de Luciana a São Paulo. Planejaram todos os passeios, juraram cartas semanais e amizade eterna, mesmo à distância.

A mudança estava marcada para dali a duas semanas, muito pouco tempo para arrumar tudo, pedir transferência do colégio, encaixotar, organizar. Doía no coração deixar a Travessa do Anjo, mas eles voltariam de quatro

em quatro meses. Luciana e sua mãe se comprometeram a cuidar da casa e das plantas, sob as repetidas recomendações de Anabela:

— Não se esqueça de regar os miosótis!

Enfim, a mudança estava pronta. Mas ainda faltava uma coisa que Anabela não poderia deixar de fazer antes de ir embora: despedir-se de Clara. Ou ao menos tentar. Talvez ela já não estivesse mais no teatro. Ou não quisesse mais aparecer. É difícil entender como funciona o pensamento de um fantasma.

Anabela foi a pé, sozinha, despedindo-se de cada pedacinho de chão, tão conhecido dela, tão testemunha de sua vida.

A cidade estava enfeitada para o Natal. Um coral cantava músicas natalinas em frente ao teatro. Anabela entrou. Subiu a escada em espiral e procurou por sua amiga no foyer, na passarela de ferro, e nada.

Desceu e pensou em desistir, ir embora, mas mudou de ideia quando ouviu o miado dos gatinhos que corriam para o poste de luz. Era Clara!

— Eu estava esperando você, Anabela! Tive medo de que viajasse sem vir aqui.

— E como você sabe que vou viajar?

— Comunicação entre fantasmas. Ou você acha que no Teatro Municipal de São Paulo não tem nenhum?

— Ah, vai começar tudo de novo!

As duas riram muito e imaginaram os diversos tipos de fantasma que poderiam aparecer por lá. Clara contou algumas histórias assustadoras e

Anabela jurou que não sairia correndo de nenhum deles, lembrando o medo que teve das primeiras aparições de Clara e de tudo o que viveram juntas. Era bom demais rir com Clara depois de tudo, mas Anabela precisava ir embora.

— Tenho que ir, Clara, mas volto nas férias e venho visitar você.

— Não sei se estarei aqui, Anabela. Estou indo embora.

— Você vai para o Lugar Melhor?

— Se é assim que você chama, estou indo para o Lugar Melhor, sim.

— E… você já sabe como é?

— O quê?

— O Lugar Melhor.

— Sei, eu estava lá até agora. Só voltei pra me despedir de você.

— Você vai e vem quando quer?

— Mais ou menos. Preciso de permissão. Só pude vir hoje por sua causa.

— E por onde você passa daqui pra lá?

— Por ali.

Clara apontou para o palco. Sem pensar duas vezes, Anabela entrou na sala de espetáculos, caminhou pelo corredor e não viu absolutamente nada além da pesada cortina de veludo vermelho, fechada.

— Obrigada por tudo, Anabela! Seja muito feliz! Se precisar de ajuda, pode me chamar. Sempre.

Foi difícil responder. O nó na garganta era tão apertado que não deixava nenhuma palavra passar. Ficou tudo preso no coração, mas Clara entendia e correspondeu ao carinho com um abraço diáfano e luminoso.

O teatro inteiro foi banhado pela luz de Clara, ofuscando a vista de Anabela. Enquanto a bailarina andava para o palco, a cortina vermelha e pesada desaparecia, dando lugar a outra, leve e clara de seda azul. Com um sopro do vento, o tecido se abriu na metade.

Havia um jardim por trás da cortina. Parecia um cenário, mas era mais que isso. Não existia mais o fundo do palco; o campo e o céu daquela paisagem eram reais e infinitos.

Clara foi recebida por sua família, que esperava perto da cortina. O fantasma da bailarina deu o último adeus, virou as costas e andou com os outros pelo jardim, até sumir, definitivamente. O Lugar Melhor era ainda mais lindo que nos sonhos de Anabela.

Com outro sopro de vento, a cortina de seda azul voltou a se fechar, muito devagar. Anabela sentiu um aperto de saudade no peito. Saudade de tanta coisa! Mas precisava ir… Pé ante pé, atravessou o tapete vermelho da sala de espetáculos, disposta a sair sem olhar para trás. Mudou de ideia quando ouviu seu nome:

— Anabela!

Era Clara.

— Acho que ainda preciso agradecer de verdade.

Um vento ainda mais forte abriu completamente a cortina azul, e Clara fez sinal para que alguém viesse do lado de lá. Entre as plantas do lindo jardim, surgiu Melinda, mãe de Anabela, bonita e serena como a filha sempre imaginara durantes esses longos anos de saudade e recordação.

Melinda trazia no braço direito uma cesta enfeitada com miosótis. Dentro havia uma caixa de madeira cheia de pequenos pedaços de papel

escritos em letra miúda.

— Recebo todos os seus bilhetes, minha filha. O Lugar Melhor fica mais perto do que você imagina.

Diante dos olhos molhados de Anabela, Melinda soprou-lhe um beijo. A cortina azul se fechou totalmente e voltou a ser a pesada e antiga cortina de veludo vermelho do Theatro José de Alencar.

Até aquele dia, Anabela acreditava que os mortos jamais voltavam. Mas agora ela sabe: eles voltam.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Alba & Vila, Amanda Queirós, Ary Bezerra Leite, Beatriz Acioli Martins, Caio Quinderé, Carlos Eduardo Oliveira Bezerra, Elisa Gunther, Elisabeth Reis, Eny Maia, Gabriela Oliveira, Lira Neto, Lorena Gomes Rodrigues, Luciana Giffoni, Mauro Coutinho, Mileide Flores, Neda Blythman de Figueredo, Patrícia Gomes Rodrigues, Ricardo Guilherme, Roberta Ribeiro, Silêda Franklin e Thelma Martins Leite.

A toda a equipe de funcionários e ex-funcionários do Theatro José de Alencar, que concederam entrevistas fundamentais para a realização deste livro, com minha sincera e profunda gratidão por cuidarem dessa casa centenária.

E a José Marcos e Beatriz, pela inspiradora felicidade de todos os dias.

RENATO PARADA

SOCORRO ACIOLI nasceu em Fortaleza, em 1975. É jornalista, mestre e doutora em estudos de literatura pela Universidade Federal Fluminense, no Rio de Janeiro. Foi bolsista da Biblioteca Internacional da Juventude de Munique e aluna de Gabriel García Márquez, ganhador do prêmio Nobel, na oficina Como Contar um Conto, em Cuba. Escreveu diversos livros, entre eles *Ela tem olhos de céu* (editora Gaivota), que recebeu o prêmio Jabuti

de literatura infantil em 2013. Dela, a Companhia das Letras publicou *A cabeça do santo* (2014).

Copyright © 2015 by Socorro Acioli

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA Alceu Chiesorin Nunes
PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES Milena Galli
PREPARAÇÃO Laura Finisguerra
REVISÃO Luciane Helena Gomide e Marina Nogueira
ISBN 978-85-438-0413-2

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 – São Paulo – SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.seguinte.com.br
www.facebook.com/editoraseguinte
contato@seguinte.com.br

DOIS DESTINOS E UMA ESCOLHA
ENCRUZILHADA
KASIE WEST

Encruzilhada

West, Kasie

9788543803838

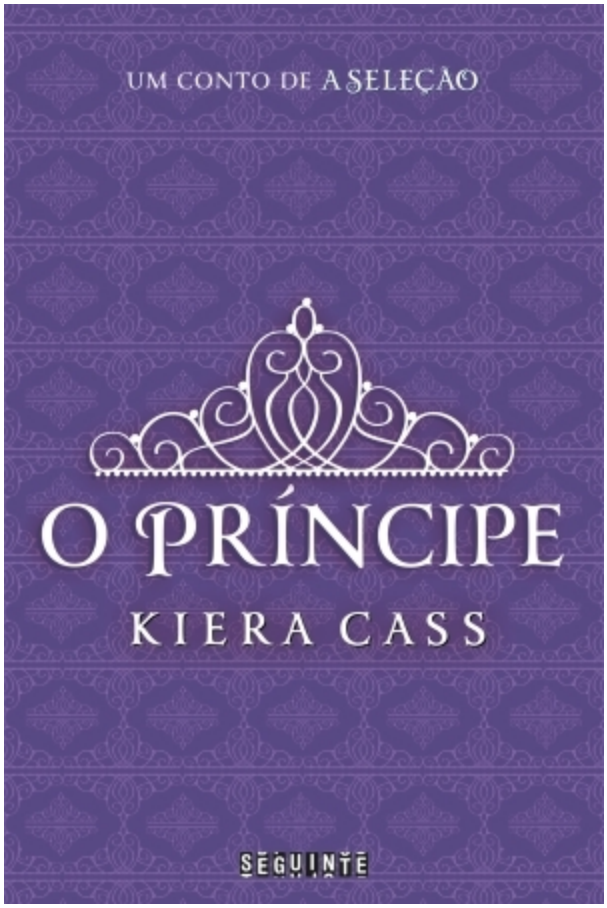
304 páginas

Compre agora e leia

Conhecer o futuro nem sempre torna a escolha mais fácil. A vida de Addison Coleman é um grande "e se…?", graças à sua habilidade especial: Investigar Destinos. Addie é capaz de prever duas possibilidades de seu futuro toda vez que precisa tomar uma decisão. Quando os pais dela anunciam o divórcio, a garota deve escolher se vai morar com o pai entre os Normais ou se prefere ficar com a mãe no Complexo Paranormal. Para ter certeza do que a espera, Addie resolve Investigar. Em uma alternativa, ela conhece Trevor, um Normal sensível com quem logo sente

uma conexão. Na outra, se envolve com Duke, o garoto mais popular da escola Paranormal. Mas aos poucos ela percebe que esses dois destinos aparentemente maravilhosos podem causar muitos estragos e sofrimento. Isso porque nos dois cenários o pai de Addie se torna consultor da polícia num caso de assassinato no Complexo, e a garota acaba envolvida em um jogo perigoso que ameaça tudo o que mais importa para ela. Addie encontra amor e perdas nas duas versões do futuro, mas só pode viver em uma dessas realidades.

Compre agora e leia


UM CONTO DE A SELEÇÃO
O PRÍNCIPE
KIERA CASS
SEGUINTE

O príncipe

Cass, Kiera

9788580866827

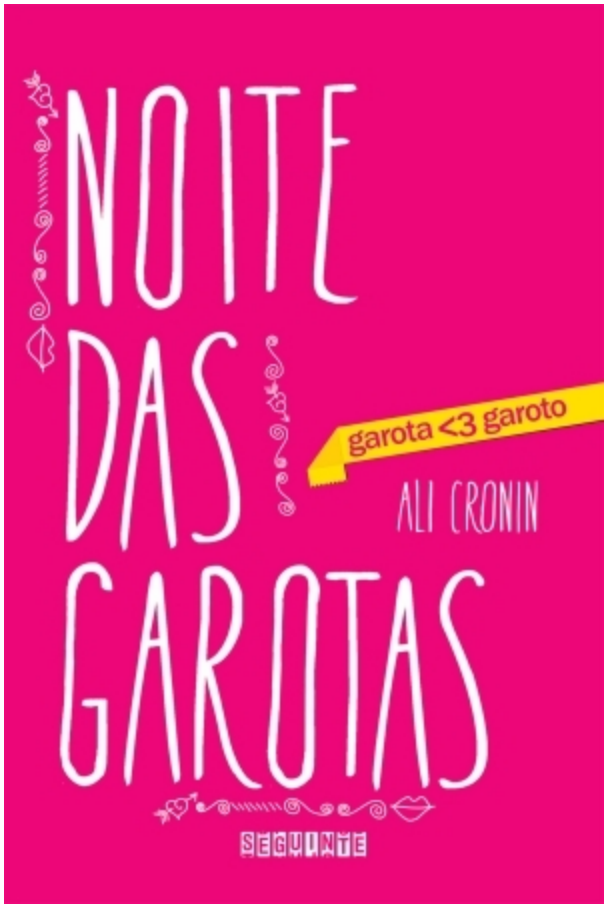
72 páginas

Compre agora e leia

Antes que trinta e cinco garotas fossem escolhidas para participar da Seleção... Antes que Aspen partisse o coração de America... Havia outra garota na vida do príncipe Maxon. Conto inédito e gratuito, O Príncipe não só proporciona um vislumbre dos pensamentos de Maxon nas semanas que antecedem a Seleção, como também revela mais um pouco sobre a família real e as dinâmicas internas do palácio. Você descobrirá como era a vida do príncipe antes da competição, suas expectativas e inseguranças, assim como suas primeiras impressões quando as trinta e cinco garotas

chegam ao palácio. É uma leitura indispensável a todos que terminaram A Seleção e ficaram querendo mais! Ao final, contém os dois primeiros capítulos de A Elite, segundo volume da trilogia.

Compre agora e leia


NOITE
DAS
GAROTAS
garota <3 garoto
ALI CRONIN
SEGUINTE

Noite das garotas

Cronin, Ali

9788543802336

18 páginas

Compre agora e leia

Conto gratuito que precede o 1º volume de Garota <3 Garoto (Nada é para sempre). Quatro garotas e três garotos de dezoito anos. Prepare-se para acompanhar seu emocionante último ano na escola... Sarah está indo se encontrar com as outras garotas para passarem um tempo juntas e colocarem as novidades em dia. O que elas aprontam enquanto os garotos não estão olhando?

Compre agora e leia

UM CONTO DE A SELEÇÃO
O GUARDA
KIERA CASS
SEGUINTE

O guarda

Cass, Kiera

9788580869507

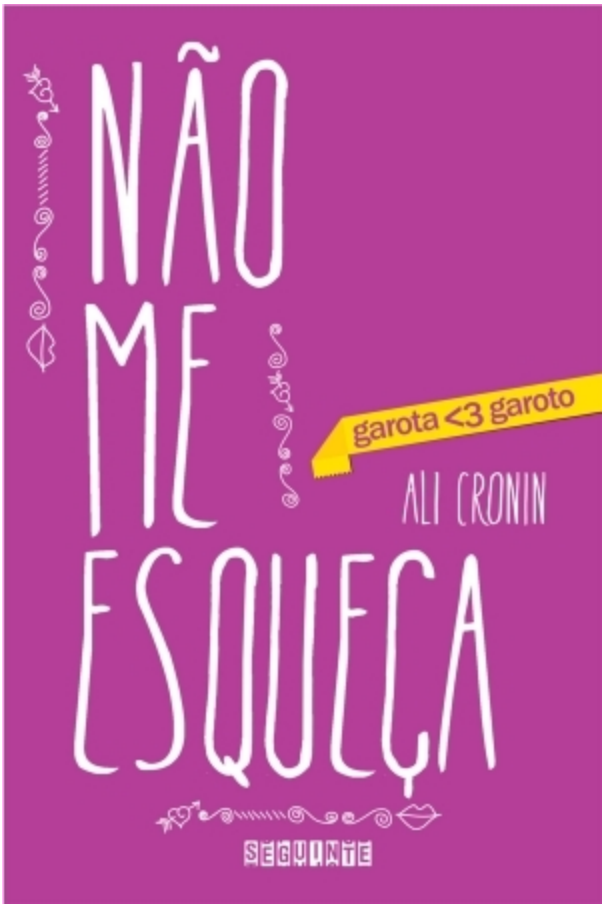
102 páginas

Compre agora e leia

O guarda é o segundo conto que se passa no universo criado por Kiera Cass, autora da trilogia A Seleção. Depois de conhecermos os verdadeiros pensamentos e inquietações de Maxon em O príncipe, agora temos um vislumbre das ideias e emoções do jovem Aspen, ex-namorado de America, que vai trabalhar como soldado no palácio durante o concurso. Antes de ir para o palácio competir pelo coração do príncipe Maxon, America Singer era completamente apaixonada por Aspen. Criado como um Seis, ele nunca imaginou que acabaria se tornando um dos

soldados responsáveis por proteger a monarquia. Em O guarda, a história é contada pelo seu ponto de vista, a partir do momento que a Seleção é reduzida à Elite. Sua rotina é composta de exercícios e tarefas variadas dentro da casa da família real — desde cuidar da correspondência até combater os ataques rebeldes. Pela primeira vez, o enfoque é o mundo paralelo dos funcionários do palácio, suas dinâmicas e rede de relacionamentos, que America nunca chegou a conhecer. O guarda também está disponível em edição impressa, como parte da antologia Contos da Seleção, que traz ainda O príncipe com final estendido e bônus exclusivos (como uma entrevista com a autora e informações inéditas sobre os personagens), além dos três primeiros capítulos de A escolha, último livro da trilogia, que será lançado em maio de 2014.

Compre agora e leia


NÃO
ME
ESQUEÇA
garota <3 garoto
ALI CRONIN
SEGUINTE

Não me esqueça

Cronin, Ali

9788543802343

16 páginas

Compre agora e leia

Conto gratuito que precede o 2º volume de Garota <3 Garoto. Durante os preparativos para a viagem de férias com seus pais para a Espanha, Sarah descobre uma caixa repleta de recordações. Conforme ela relembra histórias de seus amigos, será que ela descobrirá que seus sentimentos por um deles são mais fortes do que imaginava?

Compre agora e leia